O GIGANTE DO AR

A história da Rádio Inconfidência narrada
por Ricardo Parreiras e convidados



Ricardo Parreiras nasceu em 17 de janeiro de 1928, quando Washington Luís era presidente do país. Começou a trabalhar na Rádio Inconfidência em 1948. Descontando-se os cinco anos em que ficou fora da emissora, Parreiras já dedicou 61 dos seus 87 anos de vida à Inconfidência. Sua presença na rádio é diária. Apresenta dois programas no canal AM: Anos Dourados e Clube da Saudade.

Quando a Inconfidência foi fundada, em 3 de setembro de 1936, Parreiras tinha oito anos. Ele começou a frequentar os programas de auditório da rádio aos onze anos, após sua família mudar-se de Bonfim para Belo Horizonte, a 90 quilômetros de distância. A emissora estava instalada no Edifício Feira de Amostras, que foi demolido em 1965, cedendo lugar ao Terminal Rodoviário, inaugurado em 1971.

A Inconfidência passou por mais quatro endereços, mudando-se daqui para ali e de lá para cá. Cessa-se o nomadismo. Por todos os séculos e séculos, a rádio de Parreiras conquista um novo e definitivo espaço físico, desenhado, construído e modelado para o século XXI. É a Estação da Cultura Presidente Itamar Franco, o conjunto arquitetônico que abriga, além da Inconfidência, a sala para concertos da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais e a sede da Rede Minas de Televisão.

O personagem Parreiras tece, de ponta a ponta, a história da Inconfidência. Mais do que isso: ele seguiu quase todo o percurso do rádio no Brasil, efetivamente iniciado em 1923. O antropólogo Edgard Roquette-Pinto e o engenheiro Henry Morize haviam fundado, cinco anos antes de Parreiras nascer, a primeira emissora a funcionar regularmente no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que se tornou a Rádio MEC.

Hoje, Parreiras está diante do computador, estruturando o roteiro dos seus programas, com a naturalidade de quem parece ter nascido no mundo digital. Fato é que ele participou da era de ouro do rádio, que se estendeu de 1930 até meados de 1950, quando a televisão começou a se espalhar pelo país. Mas os japoneses salvaram o rádio do colapso. Compraram dos americanos os direitos de fabricar os aparelhos transistorizados. Foi com eles que o rádio ganhou ainda mais desenvoltura, deixando de ser um móvel da casa. Passou a frequentar as ruas, as lavouras, os estádios.

A expansão da fronteira agrícola povoou toda a vastidão do centro-oeste e do norte brasileiros. O som do rádio AM acompanhou os agricultores em suas novas terras. Simultaneamente, as ruas das cidades cada vez mais ocupadas pelos automóveis. Os motoristas sintonizados, no AM ou FM. Se há blecaute, só o rádio permanece aceso. O rádio está nos celulares e nos MP3. Continua na cozinha, no mourão da porteira, na proa da canoa, na guarita do prédio. Ao percorrer o seu dial, o ouvinte do Brasil inteiro encontrará a Inconfidência. Encontrará Parreiras.



Seu nome é José Parreiras de Oliveira. Passou a se apresentar, artisticamente, como Ricardo Parreiras quando, aos 20 anos de idade, ingressou no grupo de cantores da Rádio Inconfidência. Foi comediante, produtor de programas, diretor artístico e locutor. Fez companhia a colegas que se tornaram nacionalmente conhecidos: as cantoras Clara Nunes e Maria Lúcia Godoy, o cantor Luiz Claudio, Zacarias (comediante dos Trapalhões), o jornalista Jader de Oliveira (da BBC de Londres), o compositor e cavaquinista Waldir Silva, o narrador e comentarista esportivo Jairo Anatólio Lima. Mesmo nos cinco anos em que deixou de ser funcionário da Inconfidência, nesse período trabalhando na comunicação do governo de Minas, Parreiras manteve contato diário com a emissora.

O GIGANTE DO AR

A história da Rádio Inconfidência narrada
por Ricardo Parreiras e convidados



Catalogação na Publicação (CIP)

O Gigante do Ar : a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados / apresentado por Eliane Parreiras. - Belo Horizonte: Rádio Inconfidência, 2014.
114 p. ilust. color.

ISBN 978-85-68810-00-2

1. Parreiras, Ricardo, 1928- 2. Rádio Inconfidência (Belo Horizonte, MG) - história I. Parreiras, Eliane

CDD: 920.5
384.545

Bibliotecária responsável: Fernanda Gomes de Souza CRB6/2472

Sumário

Uma nova fase na história da Inconfidência 7
Eliane Parreiras

Agradecimentos 9
Valério Fabris

A Brasileiríssima, no seu momento mais bonito..... 11
Valério Fabris

Um compromisso de origem: Minas cada vez mais mineira..... 29
Rosângela de Mendonça Guimarães

A Hora do Fazendeiro: sucesso há 78 anos 44
Jorge Fernando dos Santos

A humanização do humano 46
Valério Fabris

Tudo começou quando cantei na Escola de Rádio, em 1948..... 48
Ricardo Parreiras

DEPOIMENTOS

Beth Seixas 70

Chico Lobo 71

Cristiano Batista 72

Déborah Rajão 73

Emerson Rodrigues 74
Fábio Vital 75
Flávia Moreira 76
Flávio Henrique 77
Gustavo Abreu 78
Hérzio Mansur 79
José Augusto Toscano Boaventura 80
Márcio Ronei 81
Múcio Bolivar 82
Paulo Sérgio Malheiros 83
Pedro Henrique 84
Pedro Lobato 85
Ramos Pereira 86
Regina Palla 87
Renato Lara Júnior 88
Renato Las Casas 89
Reny Parzeweski 90
Tina Gonçalves 91
Tutti Maravilha 92

CRONOLOGIA 93
EXPEDIENTE 97
FOTOS 99

Uma nova fase na história da Inconfidência

ELIANE PARREIRAS*

Um autêntico mineiro associa – instantaneamente e quase que de maneira inconsciente – a palavra inconfidência a uma atmosfera ideológica referente a um movimento balizado pela valorização da soberania e autonomia do povo de Minas Gerais.

Não por acaso, a maior rádio mineira carrega como nome a palavra Inconfidência. O quase octogenário veículo de comunicação, desde sua gênese, veio com o nobre propósito de integrar as regiões mineiras, espalhadas por esse Estado de grandes proporções territoriais.

Imbuída dessa missão, a Inconfidência vem transmitindo uma programação rica e diversa, tendo êxitos progressivos e crescentes, conectando todos os cantos de Minas Gerais. Com foco na formação cidadã dos ouvintes, a rádio também tem desvelado verdadeiros talentos da música mineira, projetando-os no cenário artístico, valendo-se da melhoria técnica que permitiu a elevação da potência da sua FM em 150%.

A Inconfidência, no ano de 2015, inaugura uma nova fase de sua história com a conquista de sua sede própria, que junto com as sedes da Rede Minas, Orquestra Filarmônica e a Sala de Concertos Minas Gerais formam a Estação da Cultura Presidente Itamar Franco, edificação moderna que funcionará como eficiente conglomerado de comunicação pública, equipado com instalações de alto nível tecnológico.

É essa abrilhantada e singular trajetória que "O Gigante do Ar – a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados" atém-se a esmiuçar. Nesta obra de narrativa fluida e de minucioso resgate histórico, o leitor irá imergir no universo da comunicação mineira, sob o olhar intimista de Ricardo Parreiras, profundo colaborador na construção da história da Rádio Inconfidência.

**Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais*

Agradecimentos

Ao jornalista e escritor José Eduardo Gonçalves, de quem recebi, em 2 de outubro de 2009*, o comando de uma Rádio Inconfidência reorganizada e modernizada. Ele deu sequência ao trabalho de reestruturação, iniciado por seu antecessor, o músico e também jornalista Nestor Sant'Anna, que a administrou entre 2005/2007, tornando-se o mentor e viabilizador da modernização física, técnica e organizacional da emissora.

Ao ex-secretário estadual de Cultura e atual presidente da Cenibra, o economista e engenheiro Paulo Brant, que me convidou a assumir a presidência da rádio, e, no curso dos anos seguintes, sempre esteve disponível para, muito gentilmente, atender aos meus pedidos de aconselhamentos.

Ao ex-secretário estadual de Cultura e atual presidente do BDMG Cultural, o jornalista e advogado Washington Mello, que se incluiu entre os do meu indispensável convívio diário.

À secretária estadual de Cultura, Eliane Parreiras, ex-diretora do Instituto Cultural Usiminas e ex-presidente da Fundação Clóvis Salgado, cuja gestão, iniciada em de-

* Data de nascimento dos netos Manuela e Vicente.

zembro de 2010, tem sido marcada por sua liderança positiva, orientada à difusão e interiorização da economia criativa.

Diante da circunstância do exíguo espaço, entre os tantos registros de gratidão que deveria aqui imprimir, limito-me a alguns agradecimentos adicionais. Aos conselheiros administrativos da Rádio Inconfidência: o compositor Fernando Brant, o ex-presidente Nestor Sant'Anna, a economista Marilena Chaves. Aos amigos Juarez Moreira, Sérgio Esser, Gustavo Penna e Heloísa Neves, que, em várias ocasiões, responderam a minhas indagações sobre os rumos a tomar. Aos ex-diretores técnicos Marcus Starling e Enos Marcos. À companheira Clara Canabrava, instância crítica em tempo integral. À Daniella Zupo, conselheira informal de inestimável valor. Aos atuais diretores: o artístico, Luís Marcelo; o administrativo, Nelson Hudson, e o técnico, Gleison Ferreira. Aos funcionários da empresa, listados na página 97.

Sublinho especial gratidão a Antônio Tadeu de Rezende, diretor administrativo no período 2009/11. Tadeu e seu sucessor, Nelson, são portadores dos principais atributos de um gestor: clareza, segurança e serenidade. Em fevereiro, portanto há dez meses, o engenheiro Gleison Ferreira, cujo cargo é o de coordenador, passou a dirigir a área técnica. Logo depois de Gleison assumir a diretoria, concluiu-se o aumento de potência da FM.

"Grazie mille" – mil vezes, obrigado – à Fiat e ao seu diretor de comunicação corporativa, Marco Antônio Lage, por terem possibilitado a realização deste "O Gigante do Ar – a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados".

VALÉRIO FABRIS

A Brasileiríssima, no seu momento mais bonito

VALÉRIO FABRIS

Uma rádio dedicada à música brasileira. Foi esta a sugestão do compositor Gervásio Horta, quando lhe disseram que o governo estadual ergueria, em 1979, uma emissora com o som estéreo, propiciado pela nova tecnologia da frequência modulada (FM). Logo, formou-se a corrente de opinião que defendia uma rádio conservadora, baseada no repertório nacional dos grandes cantores dos anos 1950, como Orlando Silva, Dalva de Oliveira, Cauby Peixoto, Ângela Maria e Emilinha Borba.

Outra vertente queria uma rádio contemporânea, refletindo o espírito do disco *Clube da Esquina 2*, lançado em 1978, em que Milton Nascimento juntava aos músicos consagrados os que ainda estavam em busca de reconhecimento, como Flávio Venturini e Tavinho Moura, além do letrista Murilo Antunes. Minas havia-se tornado um inesgotável viveiro de talentos. Dois anos antes de a FM da Inconfidência iniciar suas transmissões, Toninho Horta era classificado, pela revista britânica *Melody Maker*, como o melhor guitarrista do mundo.

Estava para ser decidido se, na estrada da música brasileira, a rádio olharia mais para trás ou para os pés caminhando em direção ao porvir. A pretensão do recém-contratado diretor artístico da nova emissora, Claudinê Albertini, era a de que a programação acompanhasse a dinâmica dos tempos. Sua visão foi prontamente compartilhada pelo jornalista José Franco Monteiro de Castro, presidente da Fundação Pandiá Calógeras, entidade que seria a mantenedora da Rádio Inconfidência. Ou seja: dar-se-ia ênfase à música brasileira contemporânea, sem que se prescindisse, no entanto, das obras dos grandes mestres do cancioneiro nacional, como Noel Rosa, Pixinguinha e Ary Barroso.

Pois, uma vez estabelecidos os pressupostos da linha de programação, bem como concluídas as instalações físicas e técnicas, restava apenas a providência de se anunciar o fato novo ao grande público da capital e dos municípios vizinhos. O fotógrafo da revista *O Cruzeiro*, Eugênio Silva, apareceu com a ideia de uma assinatura para uma rádio que se tornaria nacionalmente pioneira na segmentação musical: "Brasileiríssima". Entregou-se a Irmãos Pinho Propaganda a tarefa de criar a campanha publicitária. Fixaram-se outdoors pela cidade, com fotos de artistas nacionais. "*Foi um sucesso*", lembra Gervásio Horta. Estava no ar a quarta emissora em frequência modulada da capital mineira, surgida depois da Del Rey, da Jornal do Brasil e da BH FM.

Dois anos após a inauguração da Brasileiríssima, Albertini acrescentava ao núcleo estratégico da emissora o pianista e compositor Marilton Borges, que, em 1981, fora contratado para integrar a equipe da Rádio Inconfidência,

com a protocolar atribuição de cuidar do antigo canal AM. Mas, na prática, Marilton formou com Albertini uma "*dobradinha de craques na FM*", como definiu o acordeonista e compositor Célio Balona.

O resultado do entrosamento dos dois é que eles foram bem além do que, na época, poder-se-ia esperar de uma FM qualificada. Tiveram a ousadia de criar um programa de música instrumental no horário nobre do rádio, das 18h às 19h. Mesmo as emissoras mais conceituadas do Rio e de São Paulo encaixotavam os programas instrumentais na boca da madrugada, atendendo aos ouvintes de hábitos notívagos.

A Brasileiríssima tornou-se, desse modo, reluzente pérola no meio radiofônico do país. Sua primeira transmissão ocorreu às onze da manhã de uma sexta-feira, dia 2 de fevereiro de 1979, na frequência 93,7 mega-hertz (MHz), depois convertida em 100,9. A novíssima emissora surgia 42 anos depois de inaugurada a tradicional Rádio Inconfidência. Suas tecnologias de transmissão eram, obviamente, as que estavam disponíveis na época: amplitude modulada (AM) e ondas curtas (OC).

Uma rádio de Belo Horizonte, a Del Rey, havia sido a primeira a transmitir no Brasil, a partir de 12 de junho de 1969, o som estéreo da FM. A propagação da frequência modulada se dá em distâncias inferiores às de ondas médias; chega aos receptores, todavia, com melhor qualidade de áudio. O sinal do AM vai mais longe. No caso da Inconfidência, a elevada potência do seu transmissor de AM propaga-se nacionalmente. Os dois outros transmissores de ondas curtas levam a programação do Gigante do Ar ao

exterior. A Inconfidência FM, por sua vez, tem abrangência metropolitana.

Eis por que o slogan da tradicional Inconfidência é "O Gigante do Ar", designação criada pelo radialista Luiz Pedro Rodrigues, que dirigiu a área artística da emissora. A programação da Inconfidência AM é transmitida, também, em dois outros canais de ondas curtas, capazes de serem captados em recônditos lugares do planeta. Ligam-se nas ondas curtas aficionados do rádio, residentes em países do hemisfério norte, da África ou da Oceania. O ouvinte do AM tende a se identificar com o comunicador, enquanto o do FM relaciona-se com a emissora, como observa a professora Sônia Virginia Moreira, autora do livro *O Rádio no Brasil*.[1]

O posicionamento da Inconfidência FM é o do nicho da música brasileira, que se renova incessantemente, com ênfase para as composições e interpretações dos artistas mineiros. "*Se o Brasil é uma potência musical no mundo, Minas é uma potência musical dentro do Brasil*", diz Aécio Flávio, autor do tema musical da FM: "Sou sua amiga, sou Brasileiríssima./E não me importo onde você estiver,/estou sempre com você./No seu momento mais bonito,/e nas horas de tristeza e solidão,/quero estar a seu lado,/no ritmo do seu coração".

A música – sobretudo a de melodia e harmonia mais elaboradas – é a manifestação artística que se privilegia em uma emissora FM voltada a um público que valoriza a cultura, atributo esse que independe de estratificação econômica. O bom gosto vem da alma, não do bolso. Há uma larga audiência da Brasileiríssima nas periferias da

[1] MOREIRA, Sônia Virginia. **O rádio no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

região metropolitana de Belo Horizonte, gente que coloca a qualidade cultural entre suas prioridades de vida. Daí o motivo de a emissora abrir o máximo de espaço para a divulgação de eventos gratuitos, como shows, palestras, exposições de quadros, espetáculos teatrais e de dança, tanto para adultos quanto para crianças.

Outra característica marcante de uma qualificada FM é a de uma rádio sujeita à flutuação do entra-e-sai de ouvintes, sejam aqueles que a escutam no trânsito ou em aparelhos móveis, como o celular e o MP3. Por isso, a direção artística da Brasileiríssima recomenda, aos seus redatores e apresentadores, que sejam parcimoniosos nas falas. A exceção fica por conta do *Bazar Maravilha*, que se firmou como uma sala de visitas dos artistas e produtores mineiros. O *Bazar Maravilha* também prioriza o noticiário com as agendas de shows e lançamentos de discos.

Pode parecer contraditório que algumas emissoras de muita fala – como as que transmitem notícias e entrevistas, ao longo das 24 horas do dia – igualmente consigam audiências expressivas junto ao público exigente de qualidade. Deve-se observar, porém, que o locutor dessas rádios está sempre lembrando ao ouvinte o nome do entrevistado e o assunto em pauta. Trata-se de um cuidado permanente nas rádios exclusivamente noticiaristas, tendo em vista a audiência flutuante. Já as FMs populares, cujos ouvintes relacionam-se mais com os apresentadores do que com a emissora, podem conduzir suas programações no estilo AM. É o que ocorre com as rádios direcionadas ao universo religioso, ou à parcela dos jovens da velocidade, dos energéticos e das baladas.

A Brasileiríssima nasceu com a proposta de intercalar pílulas de notícias às sequências musicais. Paralelamente, o Gigante do Ar funciona na base de muita fala e pouca música, mantendo-se fiel às suas características de origem, desde quando o rádio era um móvel da casa ou do escritório, com os ouvintes nele grudados ao longo do dia ou da noite. É a rádio coloquial, amiga e companheira, que conversa com seu público, contando-lhe piadas, enviando-lhe recados e abraços.

Já a FM da Inconfidência veio a um mundo urbano regido por outras circunstâncias sociais, culturais e econômicas. As cidades estavam sendo celeremente tomadas pelos automóveis, ao mesmo tempo em que os lares deixavam de ser o reduto cativo das donas de casa, pois, cada vez mais, as mulheres passavam a trabalhar fora. Em 27 de janeiro de 1978, encerrava-se a novela *Dancin' Days*, da TV Globo, em que se retrataram os novos valores da emergente classe média e a febre das boates, a reboque do enorme sucesso do musical *Os Embalos de Sábado À Noite*, de 1977, tendo como estrela principal o ator, cantor e dançarino John Travolta.

A trilha da novela acabava traçando os limites estéticos entre a Brasileiríssima das canções perenes e as rádios dos sucessos momentaneamente avassaladores. Em *Dancin' Days*, tocava-se *Macho Man*, do Village People, com exaltação histérica ao corpo e ao ego. Em um contraponto, a novela incluiu a valsa *João e Maria*, de Sivuca e Chico Buarque, de versos assim delicados, na mais perfeita sintonia com o apuro artístico da Brasileiríssima: "vem, me dê a mão, a gen-

te agora já não tinha medo; no tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido".

O desenho da nova FM fugia, contudo, do maniqueísmo nacionalista tão em voga no período da ditadura militar, que cultivava o fervor ufanista como forma de manter alguma coesão em torno de pretensas conquistas da pátria. A programação da FM enveredou-se pelos caminhos da música brasileira, mas temperada com pitadas dos melhores sons do planeta. Seguiu, assim, a toada de Milton Nascimento, que, segundo o pianista e compositor Wagner Tiso, "misturou o cateretê com os compassos de Dave Brubeck"[2]. A observação de Tiso está no livro do saxofonista e compositor Chico Amaral, intitulado *A Música de Milton Nascimento*.

O caráter inovador da rádio, concebido por Claudinê, foi corrompido, pelo menos em três breves ocorrências, ao longo dos primeiros 36 anos de existência da Brasileiríssima, que se comemoram em 2 de fevereiro de 2015. Em um dado instante, tentou-se trocar o slogan da rádio, de Brasileiríssima para "Popularíssima", como informalmente se dizia. Abdicava-se do arco da música de qualidade, que hoje pode ser ilustrado por Almir Sater e Beto Guedes, Cazuza e Djavan, Dominguinhos e Fernanda Takai, João Donato e Thiago Delegado, Lenine e Lô Borges, Renato Teixeira e Sivuca, Skank e Zeca Padoginho, Tim Maia e Marina Machado.

Em outro fugaz interregno, reduziu-se a veiculação de artistas mineiros. Choveram críticas, e, imediatamente, revogou-se a decisão. Finalmente, no terceiro desvio em rela-

[2] AMARAL, Chico. **A música de Milton Nascimento**. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Gomes, 2013.

ção à filosofia de origem, embaralharam-se na Brasileiríssima as programações dos canais AM e FM. A reação do público ouvinte e, também, dos músicos fez com que, em cada um desses episódios, a Brasileiríssima fosse levada de volta ao percurso iniciado em 1979. É comum a tentação mudancista que acomete novos gestores, sobretudo os que assumem o comando dos veículos estatais de comunicação. É assim que as identidades de rádios e televisões públicas são intermitentemente destroçadas.

O legado da Inconfidência FM foi mantido e revigorado em fases douradas da emissora. No período 1983/85, dirigiu a sua área artística o letrista Fernando Brant, recebendo o apoio voluntário do cantor e compositor Gonzaguinha, que residiu temporariamente em Belo Horizonte. "*Gonzaguinha era meu amigo. Veio morar aqui. Quando assumi a direção da rádio, ele começou a aparecer lá todos os dias, participando de programas e dando ideias brilhantes na programação. Gonzaguinha contribuiu de graça para a cultura mineira, durante um bom tempo*", recorda Brant.

Outro assíduo colaborador da Brasileiríssima foi, ao lado de Gonzaguinha, o advogado e professor Hildebrando Pontes, especialista em propriedade intelectual, amigo e frequente consultor de cada um dos integrantes do Clube da Esquina. Ele era funcionário da Fundação Clóvis Salgado, tendo sido temporariamente cedido à Inconfidência para trabalhar ao lado do fotógrafo Eugênio Silva, que exerceu a função de assessor de imprensa.

Os fundamentos da Brasileiríssima, já no seu primeiro ano de existência, foram assentados por vários instrumentis-

tas e profissionais da cadeia da música, como o acordeonista Célio Balona e o fundador do Estúdio Bemol, Dirceu Cheib, que gravaram as primeiras vinhetas da rádio. "*Tive o prazer de fazer as vinhetas logo que a Brasileiríssima surgiu. Uma das coisas que mais me encantava era ligar o rádio e as escutar, seguidas de grandes nomes da nossa música. Felizmente, tínhamos uma rádio para valorizar nossos talentos*", diz Balona.

Cheib acrescenta: "*A FM foi inaugurada com um colorido diferente em relação àquele que os ouvintes da Inconfidência AM estavam acostumados. As vinhetas da Brasileiríssima estabeleciam uma diferença marcante; as pessoas logo sabiam que o som era dela. Vários cantores, entre eles o do Coral Madrigal Renascentista, estiveram nos meus estúdios para gravar essas vinhetas*". Havia ainda, como sublinha Marilton Borges, um "cuidado enorme" em dar aos novos artistas o mesmo tratamento que se oferecia aos músicos já famosos, entre eles os do Clube da Esquina.

Borges rememora que os responsáveis pela condução dos conteúdos da emissora se esforçavam para acolher os novos artistas, inclusive procurando contornar as limitações técnicas das gravações que eles entregavam à direção artística. O responsável pela gestão do áudio da emissora, Alexandre Martins, descreve que vários compositores e intérpretes chegavam à rádio com produções independentes, isto é, "*com fitas gravadas sem muito apuro técnico*". Procuravam-se os meios de melhorá-las, tornando-as compatíveis com o alto nível da obra desses autores e intérpretes, que se situavam em um patamar equivalente ao dos que haviam alcançado o reconhecimento nacional.

Foram dezenas os músicos que tiveram suas gravações reprocessadas nos estúdios da Brasileiríssima, como descreve Marilton Borges. Entre eles, Rubinho do Vale, Celso Adolfo, Tadeu Franco, Paulinho Pedra Azul, Marcus Viana, Ladson do Nascimento. O diretor artístico da Rádio Inconfidência, Luís Marcelo, que se incumbe dos canais AM e FM, diz, a propósito, que cuidar dos músicos é uma das suas mais recorrentes tarefas, "*ao mesmo tempo trabalhosas e prazerosas*". Isso significa atender aos seus telefonemas, recebê-los na emissora, dar divulgação aos seus lançamentos e shows, orientá-los sobre o que é mais compatível com o meio rádio, enumera Luís Marcelo.

É razoavelmente comum que os músicos, sobretudo os do segmento instrumental, produzam discos com faixas de longa duração, às vezes de seis, sete ou oito minutos. "*O máximo que normalmente se admite, em uma rádio, são faixas de cinco minutos. Sempre fazemos esse alerta*", explica Luís Marcelo. Recomenda-se, como acrescenta o diretor da Inconfidência, que os músicos jovens não se limitem a produzir discos inteiramente autorais, de composições próprias. "*Devem destinar duas ou três faixas a composições conhecidas pelo público. Trata-se de um meio de se estabelecer uma comunicação mais imediata com o ouvinte*".

A personalidade da Brasileiríssima não resultou da obra de uma só pessoa, como discorre Luís Marcelo: "*Um conjunto de grandes radialistas e músicos modelou o conteúdo da rádio; deu-lhe estilo, um jeito de ser, uma personalidade. Entre eles, estão Claudinê, Marilton, Balona, Cheib, Fernando Brant, Gonzaguinha e, também, Bob Tostes e Kiko*

Ferreira. Os irmãos Suzana e Bob Tostes, que são cantores e compositores, também fizeram vinhetas para a Brasileiríssima dos primeiros anos de vida". O nível profissional da Inconfidência FM pode ser medido na figura do seu primeiro presidente, José Franco, vencedor nacional do Prêmio Esso de Jornalismo, de 1963, pela revista *O Cruzeiro*, com a reportagem sobre a inundação de uma cidade do sul mineiro, em decorrência da formação do lago da hidrelétrica de Furnas, intitulada "Guapé vai ser apenas um retrato na parede".

As ações inovadoras sucederam-se nos anos seguintes. No final da década de 90, Bob Tostes criou e apresentou o programa intitulado *Encontro Marcado*, focalizando um artista ou um tema da música brasileira. "*Outro profissional, que cito como guardião dos fundamentos da Brasileiríssima, é o radialista e crítico musical Kiko Ferreira. Na Inconfidência dos anos 1980, foi produtor executivo e, posteriormente, diretor artístico. Atualmente, Kiko comanda a rádio e a televisão da Universidade Federal de Minas Gerais. Coube à gente adaptar, às circunstâncias do momento, os princípios artísticos da mais autêntica Brasileiríssima, que se originou de Claudinê*".

Para que a FM da Brasileiríssima mantenha-se coerente com sua história, há pontos que devem ser vistos como irremovíveis, sob pena de se desfigurar a emissora, em prejuízo da audiência e da sua missão de origem. Precisa ser, o tempo todo, a plataforma de projeção dos artistas, no âmbito da região metropolitana de Belo Horizonte, cuja população é de 5,8 milhões de habitantes. A região da ca-

pital mineira tem, portanto, mais residentes do que países como a Dinamarca (5,5 milhões), Finlândia (5,2 milhões) e Noruega (4,6 milhões). É possível a um músico que se consolide no mercado local auferir as condições básicas para a sua sustentação, com possibilidade de se apresentar em outras áreas geográficas.

Luís Marcelo descreve, item por item, os cuidados a serem observados pelos gestores da Brasileiríssima. É fundamental que, na programação de música, veicule-se o artista menos conhecido ao lado de um nome consagrado. A música tem de ser sempre "radiofônica". Quer dizer: que se conduza por uma linha melódica clara. Tanto as instrumentais como as vocalizadas devem ser líricas, "cantáveis". A música transgressora e de ruptura, experimentalista e vanguardista, em que sons se superponham e se destituam de um fio melódico, são mortais para a audiência. "*Se o rádio não é ouvido, não projeta o artista*", argumenta ele.

"*A audiência do rádio FM de qualidade move-se como as marés, em ondas que vão e vêm. A fala excessiva afugenta o ouvinte. O sujeito está dentro do carro, ou caminha na rua com o fone no ouvido, com a atenção ocupada pelas várias cenas do cotidiano. Ele não tem condições de ficar preso aos detalhes da narrativa de um locutor ou comunicador*", descreve Luís Marcelo. Outra experiência negativa para a rádio FM é entregar horários a terceiros que produzam programas por conta própria. "*A Inconfidência tem padrões de locução, de gravação, de combinação de textos com músicas. Qualquer coisa desalinhada fica parecendo um defeito, um ruído, uma invasão pirata*".

A essência da Brasileiríssima está nos ritmos, nas harmonias e nas melodias que – mesmo não sendo cantadas – cantáveis são, fazendo ecoar a voz inconsciente, que vem do coração. A emissora atingiu um grau de audiência que possibilita a lotação dos maiores teatros de Belo Horizonte, mesmo quando os shows são de artistas de elevado prestígio, mas nem sempre de grande popularidade. O que a torna um recorrente sucesso, renovável a cada década, é a fidelidade à sua própria história. A arquitetura sonora da rádio é a MPB e todos os ritmos que dialoguem com ela.

O programador da Inconfidência desconsidera, por conseguinte, o psicodélico, a superposição de sons inquietantes, a mistura de gêneros opostos, a compulsão experimental, a bateria de pratos frenéticos, o agitado contorcionismo das guitarras. A MPB da Brasileiríssima é um arco-íris sonoro, estendendo-se dos arranjos jobinianos de Claus Ogerman aos condimentos roqueiros, à moda do *Abraçaço*, de Caetano Veloso: "Dei um laço no espaço, pra pegar um pedaço do universo que podemos ver". O navegar da Brasileiríssima é constante, em busca das águas contemporâneas da MPB, mas do jeito que Paulinho da Viola recomenda: "faça como o velho marinheiro que, durante o nevoeiro, leva o barco devagar".

Tal serenidade não significa, como contrapõe Luís Marcelo, que a rádio receie as inovações, como as destemidamente postas em prática pela dobradinha Claudinê e Marilton, com o aval do dirigente José Franco. "*Ter um horário definido para a música instrumental já é, por si só, um gesto de ousadia. Há cerca de dez anos, a Brasileiríssima mantém*

no ar o programa Faixa Instrumental, das onze à meia-noite, de segunda a quinta. Mas fomos ainda mais atrevidos. Passamos a salpicar a música dos instrumentistas mineiros ao longo de todo o dia", diz o diretor artístico.

O ouvinte da Brasileiríssima é, deste modo, surpreendido por um som instrumental entre duas faixas de músicas cantadas. A veiculação do instrumental segue-se a uma vinheta com o seguinte teor: "Belo Horizonte, capital da música instrumental. Apoio: Fundação Municipal de Cultura". Anuncia-se o artista antes e depois da inserção da música, dando-se destaque ao seu nome e à sua obra.

A pulverização do instrumental – no decorrer dos vários programas diários da Inconfidência – confere à rádio uma plasticidade aquarelada, com leveza, sofisticação, luzes e matizes. Também informa aos moradores e visitantes de Belo Horizonte que a capital mineira é, atualmente, o maior polo da música instrumental brasileira. Estima-se que mais de uma centena de instrumentistas movimentem, profissionalmente, o cenário atual da música de reconhecida qualidade, na região metropolitana, sendo que entre eles predominam os jovens, assim considerados os que se situam, mais ou menos, entre os vinte e trinta anos.

O criador do *Faixa Instrumental*, que vai ao ar de segunda a quinta, das 23h às 24h, é Paulo Bastos. Ele está na Inconfidência há 27 anos. É reconhecido, por seus colegas e artistas mineiros, como um dos principais entendidos em fatos ligados à música brasileira, no meio radiofônico nacional. Criou vários programas na Inconfidência, em ambos os canais. Por iniciativa sua, o samba tem desta-

cado espaço na Inconfidência. Diariamente, antes da *Voz do Brasil*, Paulo Bastos leva ao ar o *Sambossa*. Faz a programação musical do *Samba Bate Outra Vez*, aos sábados e domingos, das 12h às 14h. Mas é eclético. Concebeu o programa *O Choro é Livre*. Formatou, há duas décadas, o *Trem Caipira*, diariamente apresentado, das quatro às sete da manhã, nos canais AM e FM.

No *Trem Caipira*, Bastos destina dois terços do programa à música de duplas tradicionais, que seguem o modelo surgido em São Paulo, nos anos 1930, em torno da temática do tosco, difundida por três personalidades culturais: o escritor Monteiro Lobato (de Taubaté) e seu Jeca Tatu; o pintor Almeida Júnior (de Piracicaba) e o capiau picando fumo, sentado diante da casa de estuque; o ator e cineasta Mazzaropi (da capital), sempre incorporado ao roceiro recém-chegado à cidade, que, no embate entre o bem e o mal, defronta-se com o coronel ou com o grã-fino urbano, no final das contas saindo-se vencedor.

Na terça parte do *Trem Caipira*, quando o sol já se eleva, entre seis e sete da manhã, Paulo Bastos abre espaço para as músicas de raízes mineiras, fincadas nas vilas coloniais e nos cenários agropastoris, contrastados entre os campos quase sempre verdejantes e os áridos sertões de Guimarães Rosa. O dedilhado da viola mineira mistura-se a batuques e, também, a uma polifonia que toma sentido na linha melódica "cantável", cujo percurso sobressai entre os vários caminhos da teia dos ritmos de Minas: folia de reis, terno de reis, congado, catira, infusada, calango, dança de São Gonçalo, lundu, coco, fandango.

No mosaico sonoro, em que confere primazia a Minas, Bastos inclui compositores e intérpretes de outros Estados, também afinados com os sons provenientes das vilas coloniais e dos sertões roseanos, como Renato Teixeira, Almir Sater, Rolando Boldrin. Eles fazem companhia, entre dezenas de outros, a Pereira da Viola, João Araújo, Wilson Dias, Bilora, Déa Trancoso, Pena Branca e Xavantinho, Chico Lobo, Tavinho Moura, Titane.

A programação de Paulo Bastos movimenta-se, portanto, entre a música caipira tradicional – e seus ápices criativos, como *Tristeza do Jeca* (de Angelino de Oliveira) e *Luar do Sertão* (de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco) – e a mais contemporânea viola, sobretudo a que também reaviva as múltiplas sonoridades entrelaçadas desde o Brasil ancestral. O eixo da Inconfidência FM é o da MPB, coerentemente ao slogan "Brasileiríssima". Do tradicional, traz à tona o mineiro de Montes Claros, Tião Carreiro, e seu mergulho nas profundezas do cururu ou do cateretê, tendo como indissociável marca o pagode-de-viola. Do mais contemporâneo, a viola de Fernando Sodré, que faz o sertão virar jazz, e o jazz virar sertão.

Desde os seus primeiros dias, a Brasileiríssima deixa para trás o mimetismo do *Macho Man*, de *Dancin' Days*, preferindo andar de mãos dadas com Sivuca e Chico, com *João e Maria*. O *Trem Caipira* também passa ao largo do sertanejo de rodeios e pick-ups, sapateados das botas *countries*, cintos com fivelas *western*, chapéus de abas largas, gritos "iurru" dos cowboys em festa. A Inconfidência FM não é, todavia, nacionalista, xenófoba, avessa às influências es-

trangeiras. O mundo inteiro é afetado pelas influências que transitam pelo planeta. Desde o seu berço, em meados do século XIX, o choro mostrou que descendia dos batuques, mesclados com danças europeias e africanas, como a polca e o lundu. Pixinguinha e Donga incorporaram ao conjunto musical deles, o Oito Batutas, as pinçadas das jazz bands.

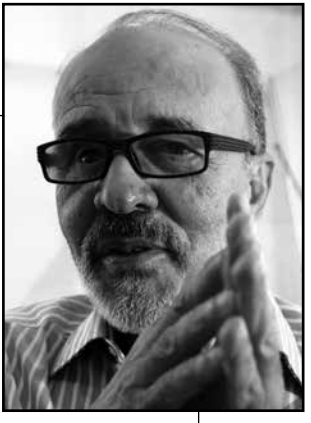
Antonio Carlos Jobim recorrentemente se serviu dos insights de Villa-Lobos, Radamés Gnattali, Debussy e Gershwin. Ao compor *Querida*, Jobim escreveu: "longa é a arte, tão breve a vida". A frase original é do filósofo grego Hipócrates (460 a.C – 370 a.C): "Ars longa vita brevis". Goethe incorporou-a ao seu poema trágico *Fausto*, na fala do personagem Wagner: "Ah! Deus! Como a arte é longa/E tão breve é a vida! E de estudar na lida/Doem-me o peito e a cabeça/O meu sofrer prolonga!". O artista vê no outro artista um ser sem fronteira, universal. Só os adultos imaturos, dizia Albert Einstein (1879/1955), padecem da doença infantil do nacionalismo, que é "o sarampo da humanidade". Nelson Rodrigues afirmava que é por temer os grandes que os pequenos os odeiam, acometidos do complexo de vira-lata.

Os iluminados enxergam-se e admiram-se mutuamente. Como dizia o arquiteto mineiro Álvaro Hardy, o Veveco, "*um gambá cheira o outro*". Eles não precisam apresentar-se, dizendo quem são e de onde vêm. Eis um caso relatado em *A Música de Milton Nascimento*, livro de Chico Amaral. Quando pela primeira vez ouviu um disco de Miles Davis, Milton exclamou: "isso não é um trompete; é a minha voz"[3]. São observações como essa que fazem parte da conversa de Paulo Bastos com os seus pares da programação musical da Brasileiríssi-

[3] AMARAL, Chico. **A música de Milton Nascimento**. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Gomes, 2013.

ma, em uma equipe formada por Luís Marcelo, Leo Albertini (irmão de Claudinê) e Maria Lúcia Carneiro, a Lucinha. A programação musical da Inconfidência, como um todo, e não apenas da Brasileiríssima, resulta do diretor artístico, que exerce cargo nomeado, e dos três funcionários concursados: Paulo, Leo e Lucinha. Quer dizer: as músicas que rodam nos canais AM e FM são diariamente selecionadas por eles.

Eles fazem o som da Inconfidência girar, dia e noite, noite e dia, em uma Brasileiríssima que deveria, seguindo os princípios apontados neste texto, ser tombada como patrimônio cultural imaterial.



AÉCIO FLÁVIO

Ele integra o grupo dos músicos da geração de 1940 que fez a revolução musical de Belo Horizonte, no pós-II Guerra, ao lado de dezenas de compositores e instrumentistas, como Paulo Horta, Célio Balona, Nivaldo Ornelas, Chiquito Braga, Paschoal Meireles, Paulinho Braga, Pacífico Mascarenhas, Marcos Castro. No início da década de 60, Aécio Flávio mudou-se para o Rio, onde, junto com o violonista Waltel Branco, fez parte do time de compositores e arranjadores da Rede Globo, liderado por Radamés Gnattali. Toca vibrafone, gaita, acordeon, piano. Aécio Flávio é o compositor do tema da Brasileiríssima, que vem sendo semanalmente veiculado na emissora, com diferentes intérpretes, desde 1980.

Um compromisso de origem: Minas cada vez mais mineira

ROSÂNGELA DE MENDONÇA GUIMARÃES

A ideia do Governo de Minas Gerais de constituir uma rádio estatal contou muito com o auxílio dos municípios mineiros. Em maio de 1935, o *Minas Geraes* – jornal impresso que, até hoje, divulga notícias referentes aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário de Minas Gerais – solicitava aos municípios mineiros da época uma contribuição financeira para aquisição de um transmissor, objetivando a instalação da rádio no Estado.

Passados pouco mais de um ano, em 12 de agosto de 1936, o governo mineiro firmou contrato com o então Ministério de Viação e Obras Públicas para a criação da Rádio Inconfidência. A emissora foi inaugurada no dia 3 de setembro de 1936 e não gratuitamente vinculada à Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, que tinha como missão ser um elo entre a capital e o interior de Minas Gerais. Em um país predominantemente agrícola, a Rádio e o rádio deveriam cumprir um papel educativo, instrutivo e informativo.

Wenceslau Brás, ex-presidente da República, em discurso proferido por ocasião da inauguração da Rádio Inconfidência, felicitava o Governo do Estado de Minas Gerais pela iniciativa e ressaltava o:

> grande serviço que [a rádio] presta a Minas, facilitando as mensagens e comunicações de Belo Horizonte para todos os rincões do Estado, tornando Minas cada vez mais mineira [...][1].

A vinculação da Rádio Inconfidência à Secretaria de Agricultura, de forma alguma era fortuita. Ao que tudo indica, Israel Pinheiro, então secretário de Agricultura, um dos principais mentores e articuladores da instalação da emissora, acreditava que a PRI-3 não só auxiliaria na implantação e desenvolvimento de programas dessa Secretaria, mas também seria o veículo de divulgação do Governo por meio de sua programação.

Pouco tempo após a inauguração, o *Minas Geraes,* de 18 de setembro de 1936, registrava que a Rádio Inconfidência vinha recebendo uma copiosa correspondência que ultrapassava os limites do estado de Minas Gerais. Esse êxito, seguramente, era o resultado de sua programação de cunho "marcadamente cultural e educativo"[2].

Um dos primeiros programas veiculados pela Inconfidência foi *A Hora do Fazendeiro*. De 1936 até 1941, o programa intitulava-se *Meia Hora do Fazendeiro*, denunciando obviamente o tempo de duração do programa. Sua estreia foi em 07 de setembro de 1936, ou seja, quatro dias após a inauguração da rádio. Em outubro do mesmo ano, o *Minas Geraes* qualificava o programa como habilitado a:

[1] *Minas Geraes,* Belo Horizonte, 04 set. 1936, p. 9.
[2] *Minas Geraes,* Belo Horizonte, 18 set. 1936, p. 9.

> [...] prestar grandes serviços aos nossos lavradores com a divulgação de conselhos úteis, tudo quanto se relaciona à lavoura, à pecuária, à sericultura, ao combate às pragas dos vegetais e aos insetos daninhos, etc. [...] Esses conselhos e recomendações, entremeados de números escolhidos de música regional, são apresentadas em linguagem fácil e acessível a todos, sem incorrer em vulgaridades, mas também sem o excesso de termos técnicos, que os tornariam incompreensíveis.[3]

A Hora do Fazendeiro, indubitavelmente, ultrapassava os limites geográficos de Minas e alcançava outros estados, em um país, como bem lembra D'Araujo (2000, p. 41)[4], onde cerca de 70% da população brasileira residia no campo.

A programação da Inconfidência neste período, de maneira geral, era marcadamente de caráter instrutivo, educativo e informativo, cumprindo assim um dos principais objetivos da rádio: alcançar em ondas o homem do campo. Desse modo, *A Hora do Fazendeiro* dividia a grade de programação da emissora junto a outros, como *Hora das Crianças* e *Jornal Falado*, sem deixar de contemplar programas voltados ao lazer: *Um quarto de hora com Juan Caballerro e Typica Argentina* e *Compadre Belarmino*, este último, de cunho humorístico.

O processo de industrialização e, concomitantemente, de urbanização do país, foi aos poucos modificando a programação da rádio. A expansão do horário de transmissão trouxe novidades e novo direcionamento à programação. Visando compor e até mesmo melhorar a formação de seu *cast,* a Rádio Inconfidência lançou o programa *Escola de Rádio*. Conduzido por Elias Salomé, o programa fez parte da grade da emissora durante vários anos, lançando e, muitas

[3] *Minas Geraes,* Belo Horizonte, 30 out. 1936, p. 14.
[4] D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado Novo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

vezes, incorporando novos talentos ao quadro de funcionários, nas mais diversas funções.

Nesses primeiros anos, a rádio diversificou a sua programação e incorporou programas de cunho cultural, voltados a difundir e a divulgar valores da literatura universal, que passaram a ocupar lugar de destaque na emissora. Assim, *O Boletim Literário* foi um dos primeiros programas veiculados que contemplava essa nova linha adotada. Com redação do escritor Eduardo Frieiro, o programa veiculava "informações e críticas sobre a produção literária do Estado, do País e do Estrangeiro", como informava o *Minas Geraes,* em novembro de 1936.[5]

Os programas de conteúdo literário multiplicaram-se na emissora. Seguiram-se ao *O Boletim Literário*, a *Crônica da Semana*, a cargo do jornalista Jair Silva**,** que por meio de crônicas resumia os principais "acontecimentos da semana, contadas de maneira pitoresca, irreverente e agradável"[6]*; a Antologia Sonora*, organizada pelo jornalista Álvares da Silva; o *Caleidoscópio*; a *Hora Literária*, entre outros. A elite intelectual mineira concebia, em grande parte, a programação da rádio. Alphonsus de Guimaraens Filho, João Alphonsus, Luiz de Bessa, Karl Weissmann, Aires da Mata Machado Filho, Moacyr de Andrade, Jorge Azevedo, Eduardo Frieiro – entre tantos e tantos outros nomes – divulgavam e difundiam o conhecimento por meio de informações literárias e históricas, que se tornavam acessíveis a grande parte da população, a quem a imprensa não alcançava. A veiculação desses programas ratificava o compromisso da emissora oficial do Estado em ser um meio de divulgação de informação e de cultura. Nesse sentido, a *Revista Alterosa*, de março de 1945, afirmava que:

[5] *Minas Geraes,* Belo Horizonte, 01 nov. 1936, p. 16.
[6] *Minas Geraes,* Belo Horizonte, 29 nov. 1936, p. 19.

> [...] os programas literários da Inconfidência continuam sendo o ponto alto de suas transmissões. Redigidos por pessoas idôneas, competentes, constituem, sem nenhuma dúvida, um dos maiores atrativos da emissora oficial.[7]

Ao lado dos programas literários, a Rádio Inconfidência introduzia em sua grade programas musicais, de cunho erudito, como *Hora de Evocação dos Grandes Mestres*, *Ópera da Semana*, *Vida e Música dos Mestres*, entre outros, levando ao povo as melodias criadas pelos clássicos e reproduzidas por grandes orquestras e/ou concertistas.

Esses programas dominaram grande parte das transmissões da Inconfidência, desde seu primeiro ano de atividades até o início da década de 1940. A partir desse período, a emissora iniciou uma nova fase, quando o modo de vida urbano passou a se sobrepor ao rural. O rádio firmava-se como um dos mais importantes veículos de comunicação. A popularização do aparelho alcançava camadas da população que não tinham acesso à imprensa escrita. O número de ouvintes aumentava e a grade de programação modificava-se para atender aos diferentes gostos. A introdução do radioteatro e das novelas na grade de programação é um bom exemplo dessa diversificação.

Um fato relevante nesse período foi a criação do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1939, durante o Estado Novo de Vargas. Nessa época, foi lançado o programa oficial denominado *Hora do Brasil,* transmitido para todo o país, com o objetivo de integrar todos os lugares à Capital Federal. Cabia ao DIP, também, produzir material de propaganda governamental, fiscalizar e

[7] *Revista Alterosa,* Belo Horizonte, mar. 1945, p. 121.

supervisionar a aplicação da legislação referente às atividades culturais e ainda censurar os programas transmitidos pelas diversas emissoras. Como os programas eram feitos ao vivo, os censores ouviam os programas e emitiam seus pareceres.

No início, os novos programas consistiam em adaptações dos grandes clássicos da literatura mundial e nacional, que iam ao ar, em horário nobre do rádio, até três vezes por semana no máximo. Depois passaram a ocupar diversos horários na grade, da manhã à noite, com as chamadas radionovelas. O radioteatro, muito difundido nos anos 1930 em diversas emissoras, caracterizava-se por apresentar uma peça completa ao dia. Já a radionovela, por sua vez, era encenada por meio de capítulos contínuos com a apresentação diária e ao vivo. Em Belo Horizonte, o rádio que já se encontrava integrado ao cotidiano da população tornou-se companhia mais corriqueira ainda com a inauguração das novelas radiofônicas, que construíram histórias e enredaram a imaginação dos ouvintes dos mais diversos segmentos sociais. A Inconfidência constituiu grupos de teatro e de novela, contratando autores, músicos e atores.

A princípio, as novelas de maior audiência eram as produzidas pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. No entanto, a equipe da Inconfidência conseguiu em pouco tempo um expressivo aumento de audiência, alcançando a liderança que a Nacional tinha na cidade, além das outras duas emissoras locais. Jairo Anatólio Lima, que atuou como radioator durante 20 anos, contava que as novelas tiveram origem

no *Grande Teatro Inconfidência*, programa com duas horas de duração, veiculado nas noites de sábado. "*Tínhamos um elenco de primeira*"[8], relembra Lima. Ele registra que, ao perceberem a qualidade do teatro da emissora mineira, os próprios patrocinadores e diretores da Nacional começaram a mandar *scripts* de suas radionovelas para serem apresentadas aqui. Foi o caso de *Direito de Nascer* – radionovela cubana, escrita na década de 1940 por Félix Caignet e mais tarde adaptada para a televisão.

Na década de 1950, todos os atores faziam mais de uma novela por dia. Os capítulos tinham cerca de trinta minutos, e havia até cinco radionovelas diferentes no ar diariamente, de segunda a sábado. O *cast* da Inconfidência contava com nomes como Seixas Costa, Vicente Prates, Léa Delba, Ana Lúcia Kattah, Agnaldo Rabelo, Jairo Anatólio, Ricardo Parreiras, Élzio Costa, Anete Araújo, que entre tantos outros emprestaram suas vozes aos mais diversos personagens da radionovela mineira, que desapareceria da grade de programação na década de 1960.

Foi ainda em fins dos anos de 1940 que os programas de auditório ensaiaram seus primeiros passos. Em meados de 1948, o programa *Bazar Sonoro* prenunciava os futuros programas de sucesso da Rádio Inconfidência. A *Revista Alterosa* assim o descrevia:

> 'Bazar Sonoro' é o novo cartaz da Inconfidência, que o apresenta às 20:00 h de todas as quintas-feiras. Programa essencialmente popular constitui-se de anedotas, esquetes, números musicais, comentários leves e poesias humorísticas. 'Bazar Sonoro' lançou um concurso de calouros, que são julgados pelos ouvintes, cujas cartas são

[8] Depoimento de Jairo Anatólio Lima à autora em 2007.

> premiadas semanalmente. Cantam em 'Bazar Sonoro' Ricardo Parreiras, Flávio de Alencar, Ubirajara, Otavinho Mata Machado e muitos outros artistas da Inconfidência.[9]

A veiculação desse programa inaugurava, assim, a época dos programas de auditório, que teve lugar assegurado na Inconfidência com a criação de seu auditório no Edifício da Feira Permanente de Amostras. Construído e adaptado não apenas para os programas radiofônicos, mas também para exibições teatrais, cinema e conferências. Com capacidade para 950 espectadores, o *Lakmé*, como era chamado, abria suas portas e atendia a diversos públicos. Ele integrava "um vasto plano cultural e artístico que abrange todos os setores da vida mineira e a qual vem dando rápido e eficiente desempenho"[10]. Dessa maneira, fazia parte da política governamental mineira, capitaneada por Milton Campos.

O *Minas Gerais*, de 18 de setembro de 1948, assim descrevia o papel da rádio:

> Ainda há pouco tivemos a organização da orquestra sinfônica estadual anexa à Rádio Inconfidência, cujos concertos se vêm marcando de completo êxito, tornando-se uma das mais perfeitas manifestações de nossa arte musical. Agora mais uma realização deste plano está concluída e entregue ao povo da Capital, qual seja o notável auditório, amplo e moderno, construído em 60 dias. Belo Horizonte ganha assim um teatro de vastas proporções. O plano traçado pelo governador Milton Soares Campos, cuja parte concernente à Rádio Inconfidência está sendo realizada em largos traços, graças ao dinamismo do escritório Américo Renné Gianetti, permitirá a solução do trabalho do Teatro em Belo Horizonte, pois o novo auditório da Inconfidência foi construído e adaptado não apenas para

[9] *Revista Alterosa,* Belo Horizonte, jun.1948, p. 85.
[10] *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 18 set. 1948, p. 6.

> os programas radiofônicos, mas também para exibições teatrais, cinema, sala de conferência, etc. O magnífico auditório que a Rádio Inconfidência inaugura, foi construído nos terrenos da Feira de Amostras e sua entrada se faz pela ala direita da Feira. Somente em sua parte central estão localizadas confortáveis poltronas para 950 espectadores [...]. Nas alas largas e de proporções bem delineadas, há espaço para lotação suplementar de 500 pessoas que aumenta consideravelmente a possibilidade do auditório, em abrigar maior número de espectadores, toda vez que haver necessidade de tal medida. Cadeiras de metal, idênticas as usadas nos grandes auditórios ao ar livre, a maneira inglesa, ali podem ser instaladas para acomodar perfeitamente as audiências. O sistema de som, encomendado especialmente à Standard Electric, inclui microfones de velocidade, especialmente desenhada para grandes auditórios, difundir o som por intermédio de alto falante multicelular de vasta proporção (*sic*).[11]

Os programas de auditórios se multiplicaram ainda em 1948. Conforme noticiava a *Revista Alterosa*, de setembro de 1948, aos:

> domingos, às 10 horas, precisamente, grande massa popular, composta na sua maioria de crianças, se comprime à entrada do *Lakmé*, o amplo auditório situado na Feira de Amostras, à procura de melhor colocação para assistir à audição do *Programa do Pinduca.*[12]

Outro programa que tomou conta da cidade foi, sem dúvida, *Variedades Inconfidência*. Escrito por Roberto Negreiros, era apresentado aos domingos, das 13h30 às 15h15, no novo auditório da emissora, na Feira de Amostras. Havia sorteios de aparelhos de rádio e uma bateria de muitos prêmios para o auditório.

[11] *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 18 set. 1948, p. 6.
[12] *Revista Alterosa,* Belo Horizonte, set. 1948, p. 91.

Alternando dias e horários, outros programas de auditório foram surgindo, como *Parada da Alegria*, dirigido por Seixas Costa; *Diversões I-3*, com vários artistas do *cast* da Inconfidência; *Alegre Show***,** nas quintas-feiras, sob o comando de Aldair Pinto; *Feira de Amostras*, com Elzio Costa e *Só para Mulheres*, comandado por Luiz de Carvalho. Os artistas de renome nacional apresentavam-se junto aos da emissora, marcando a época áurea da Inconfidência. A rádio, nessa época com dois auditórios, contava com a Orquestra Melódica da PRI-3, a Orquestra Típica e a Orquestra de Cordas, que se apresentavam de acordo com a programação. Aqueles que não acorriam ao auditório, seguiam os programas irradiados em casa ou em recintos comerciais.

Entre os anos de 1940 e 1950, a Inconfidência permaneceu em primeiro lugar "nas paradas", o que era medido, na época, pelo número de cartas recebidas pela emissora. E apostava em sua renovação tecnológica, com a instalação de seu novo transmissor na Gameleira e de novos estúdios na Feira de Amostras.

A televisão entrou no ar no Brasil na década de 1950. Belo Horizonte foi a terceira cidade a contar com uma emissora de TV. Com programas veiculados ao vivo, a televisão, nesses seus primeiros anos, não era, de maneira alguma, uma ameaça ao rádio. Este novo veículo, incipiente à época, buscava nas rádios atores e técnicos para compor seu corpo de funcionários. Assim, vários nomes do rádio trabalhavam também na TV.

Os programas de auditório, nos fins dos anos de 1950, tinham lugar assegurado na programação da rádio, desfru-

tando do mesmo sucesso dos anos anteriores. No entanto, a Inconfidência introduzia programas fonográficos na sua grade, como *Melodias Philips*, *Clube do Disco*, *Discoteca Bemoreira*, que se multiplicaram em fins da década de 50 e ao longo da década de 60, que coincidentemente marcava o início da popularização da televisão. Inspirados no sucesso do teatro e da novela junto ao da indústria fonográfica, outros programas nasceram.

> Pegávamos a letra de uma música e contávamos histórias. Eram programas teatralizados, como *Uma Canção e sua História* e *Romance Dogali,* ambos com a locução de Dina Fernanda.[13]

Os programas fonográficos passaram a ocupar boa parte da grade de programação. A importância de sua indústria chegava a tal ponto que a comemoração dos 25 anos da Rádio Inconfidência foi marcada pelo lançamento de um *Long Play,* gravado pela Copacabana com a orquestra e os melhores intérpretes da PRI-3.

As novas programações, que dominariam a grade de horários da Inconfidência, revelariam mais caminhos do rádio no Brasil. Os programas voltados à difusão e à divulgação da informação teriam reservados de três a quatro horários por dia. Assim, em maio de 1963, o *Minas Gerais* informava que:

> Com várias solenidades, num ambiente festivo, foi inaugurado na manhã de quinta-feira, no último andar da 'Feira de Amostras', o serviço de teletipo instalado pelas agências D.P.A e Transpress. A aparelhagem tem grande significação para melhoria das irradiações dos informativos e jornais falados da Inconfidência, que assim estará

[13] Depoimento de Jairo Anatólio Lima à autora em 2007.

> situada como uma das nossas melhores emissoras no setor, ligada, constantemente, com as estações do Estado da Guanabara, São Paulo e Brasília. Poucas emissoras brasileiras contam agora com aparelhagem tão moderna e perfeita como a da Rádio Inconfidência.[14]

Em 1964, o país mudava o seu regime político. O estabelecimento da ditadura militar trouxe em seu bojo uma profunda reformulação da radiodifusão e da imprensa. Os primeiros governos militares:

> [...] foram responsáveis por uma grande reformulação nas políticas voltadas aos setores de radiodifusão e de imprensa. Reformulou-se a legislação desses setores e foram feitos investimentos em aspectos técnicos, possibilitando melhores condições para o desenvolvimento da radiodifusão e da telefonia, agora vistas como elos de integração nacional [...], prevaleceu, por parte dos governos militares, a prática de coerção, visando ao controle da imprensa e da informação por meio da censura. Essa prática foi regulamentada por novas legislações. (PIERANTI, 2006, p. 97)[15]

A Inconfidência, veículo estatal, sofreu violentamente com os novos rumos que o país tomava. Quando da inauguração do novo transmissor – o de 25 quilowatts – de ondas curtas da emissora, o Sr. Magalhães Pinto, Governador do Estado, salientou o papel que a Rádio Inconfidência desempenhou na Revolução Brasileira: "fazendo chegar aos mais longínquos rincões a mensagem contra a corrupção, a desordem e a ameaça do comunismo"[16]. Assim, a rádio cumpria as determinações dos governos militares.

---

[14] *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 04 mai. 1963, p. 9.

[15] PIERANTI, Octavio Penna. Políticas para a mídia: dos militares ao governo Lula. **Lua Nova**, São Paulo, n. 68, p. 91-121, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n68/a04n68.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

[16] *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 19 set. 1964, p. 8.

A TV ganhava cada vez mais espaço, os antigos cantores passaram a frequentar as rádios por meio de discos e apareciam e atuavam na televisão. A rádio passou a veicular novos programas como *ABC de BH*, cujo conteúdo consistia em música, curiosidades, notícias e informações. Os programas informativos, notadamente aqueles de utilidade pública e esportivos, dividiam espaço com os programas musicais. Com o alongamento do horário de transmissão, a PRI-3 se diferenciava ante a atuação da televisão e das estações concorrentes.

Mas não era só a Inconfidência que se modificava; as outras emissoras também. Pela primeira vez, na década de 1960, a Rádio Inconfidência teve a sua liderança ameaçada. Ao mesmo tempo, as jornadas esportivas ganhavam maior destaque na programação, propalando o novo *slogan* da emissora: "O Gigante do Ar", nome também da revista publicada pela rádio. Os esportes, em especial o futebol, tiveram, ao que tudo indica, o início de sua história em Belo Horizonte no campo do Prado Mineiro, junto à Divisão de Infantaria. Mais tarde vieram os campos do América e do Atlético, respectivamente, onde hoje se localizam o Mercado Central e o Minascentro[17], e depois veio o Palestra[18], na antiga Avenida Paraopeba, atual Avenida Augusto de Lima.

Desde a década de 1940, o esporte possuía lugar na Inconfidência. Gama foi o radialista esportivo pioneiro da emissora, sendo substituído por Paulo Nunes em 1945. Um dos primeiros programas de rádio voltado ao esporte intitu-

[17] Espaço de eventos.

[18] Società Esportiva Palestra Italia, posteriormente Cruzeiro Esporte Clube.

lava-se *Esportes pelo Ar*. Além de contar com Paulo Nunes, tinha em seus quadros os radialistas Jairo Anatólio Lima, Eli Murilo e David Cabernite.

Após 1964, os programas de auditório passaram a ser esporádicos e praticamente desapareceram quando a Inconfidência perdeu sua sede no edifício da Feira de Amostras. Os programas de utilidade pública, as jornadas esportivas e os radiojornais, previamente analisados pela censura, eram aqueles transmitidos ao vivo. Outras mudanças só foram incorporadas pela Inconfidência no final dos anos de 1970.

O *Diário de Minas,* de 1º de fevereiro de 1979, noticiava a inauguração da FM estéreo da Rádio Inconfidência. Destacando que a:

> [...] estação FM estéreo da Inconfidência é a quarta emissora desse gênero que se instala nesta capital. O que a diferencia das demais é o fato de ter optado por uma programação exclusivamente brasileira, fixando-se numa filosofia musical da então adotada no Brasil pela Rádio Nacional do Rio, com isso procurando homenagear o artista e a música nacional.[19]

Logo no início, sua opção de programação sofria inúmeras pressões de gravadoras, que não concordavam com um canal de divulgação exclusiva de músicas e artistas brasileiros.

Enquanto isso, o canal AM mantinha a linha adotada. Na década de 1980, a Inconfidência lança a sua *Onda Rural*, inteiramente voltada para o homem do campo. Retorna assim às suas origens, voltando a 1936 e lançando um canal

[19] *Diário de Minas,* Belo Horizonte, 1º fev. 1979, p. 8.

em contato direto com 722 municípios[20], exatamente quando a emissora comemorava o seu cinquentenário.

Na década de 1990, as notícias sobre o rádio veiculadas pela grande imprensa, que já eram escassas desde a década de 1970, tornaram-se praticamente inexistentes.

No limiar do século XXI, o rádio digital torna-se realidade no mundo. A Inconfidência, enquanto não se inseria nessa nova tecnologia, passou a veicular sua programação na internet a partir de 2003. Assim, além de seu canal de onda curta – que desde a década de 1940 alcançava diversos países do mundo – a emissora passou a ter o seu acesso ilimitado por fronteiras geográficas com essa nova mídia.

Ainda há muito a se fazer. Pensar a rádio na internet é questão que urge. Não só pelo novo canal de veiculação que se implementa, como pelas novas tendências que esse novo veículo trouxe.

A rádio digital é outra questão que se coloca para a contemporaneidade. A abertura de canal direto com o ouvinte, esteja ele em qualquer parte do mundo, faz com que a Inconfidência pense e repense, sempre, uma nova estruturação.[21]

20 Minas Gerais passou, em 1987, a ter 723 municípios. E 853 municípios, no ano 2000, segundo a Fundação João Pinheiro.

21 Nota da autora: Apresentamos uma possível análise temática sobre a Rádio Inconfidência. A programação foi a linha escolhida, por mostrar um retrato histórico e social representativo da época.

A Hora do Fazendeiro: sucesso há 78 anos

JORGE FERNANDO DOS SANTOS*

De segunda a sexta-feira, às 17h, a sanfona de Rubens Diniz sapeca pela Rádio Inconfidência AM o clássico *Campo Belo*, composição rancheira de Antenógenes Silva. Trata-se do prefixo de *A Hora do Fazendeiro*, o programa radiofônico mais antigo do Brasil (talvez do mundo), transmitido ininterruptamente há 78 anos, em ondas médias e curtas, e hoje também pela internet.

A primeira transmissão foi ao ar em 07 de setembro de 1936, quatro dias após a inauguração da rádio pública de Minas Gerais pelo então governador Benedito Valadares. Apresentado por Tina Gonçalves e Cristiano Batista, o programa passou por uma reformulação em junho de 2009, sendo ampliado de uma para duas horas de duração.

Segundo a produção, o objetivo do programa sempre foi "dialogar com o homem do campo", oferecendo serviços, boletim meteorológico, cotação de produtos agrícolas, dicas, receitas caseiras e a autêntica música caipira. Outra missão importante é a prestação de serviços aos ouvintes urbanos,

* Jornalista, escritor e compositor, publicou reportagem sobre *A Hora do Fazendeiro* no Observatório da Imprensa, em 2010. O texto foi compilado para a presente edição.

que podem, por exemplo, aprender a montar uma horta numa pequena área do quintal ou até mesmo num apartamento.

Tina Gonçalves apresenta *A Hora do Fazendeiro* desde a década de 1970, quando o programa já ia ao ar, como é hoje, das 18h às 19h.* Ela trabalhou ao lado de importantes legendas do rádio mineiro, como Bentinho, Delmário, Caxangá, Geraldo Eustáquio e José Penido. "*O segredo do nosso sucesso é que não havia programas direcionados ao homem do campo, naquela época*", afirma a radialista. "*A TV não tinha o alcance de hoje e o fazendeiro não dispunha de acesso a agrônomos e veterinários. Além disso, trouxemos a música de raiz, mensagens de ouvintes e a seção de desaparecidos, na qual se procuram notícias de parentes e amigos distantes.*"

Cristiano Batista começou a apresentar o programa em 2006, substituindo o locutor José Penido. "*Usamos uma linguagem específica, pois o público padrão inclui o fazendeiro e o trabalhador rural*", ele explica. "*Temos também ouvintes na capital e aqueles que gostam do programa por causa da música caipira. Muita gente liga apenas para ouvir o próprio nome no rádio.*"

O sucesso do programa certamente contribuiu para que a emissora ganhasse em 2009 o Prêmio Mídia do Ano em Comunicação Empresarial (categoria rádio), conferido pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje). Também naquele ano, *A Hora do Fazendeiro* conquistou o Prêmio Abimilho, com uma série de reportagens sobre o milho na cozinha brasileira.

---

* O programa *A Hora do Fazendeiro* foi originalmente concebido, em 1936, para ir ao ar das 18h30 às 19h00, permanecendo assim até 1941, quando se somaram 10 minutos às suas transmissões. De 1941 a 1970, o tempo de duração passou para 40 minutos, indo das 18h20 às 19h00. E, finalmente, a partir de 1970, estabeleceu-se o tempo de uma hora, das 18h00 às 19h00, como até hoje vigora. Em 1947, o locutor de *A Hora do Fazendeiro*, Rubem Tomich, dizia que era "o mais antigo e o mais ouvido programa agrícola do rádio brasileiro".

A humanização do humano

VALÉRIO FABRIS

Há 35 anos, o canal FM da Inconfidência nascia em um nicho: o da música brasileira. Já o canal AM da Inconfidência não precisava de nicho quando foi inaugurado, em 3 de setembro de 1936, portanto há 78 anos. O povo queria todo e qualquer tipo de informação e entretenimento, de preferência sem precisar ler. O censo de 1940 mostrou que 56,17% dos brasileiros, acima dos 15 anos, eram analfabetos. Hoje, o analfabetismo é de 8%. Os meios de comunicação diversificaram-se largamente. O AM não poderia continuar sendo, agora, apenas o grande armazém, em cujas prateleiras encontram-se de cada coisa um pouco. Qual é a vocação deste AM, em plena década de 2010?

Em tempos de hiperconsumo, um precioso bem mostra-se cada vez mais escasso: a cidadania. As drogas e a violência em vertiginosa ascensão. Idem, as agressões às mulheres, o desamparo de crianças e de idosos, o desrespeito ao patrimônio ambiental e cultural, o crescimento da frota e das desavenças no trânsito. A Inconfidência AM não precisaria mudar sua grade de programação para se encaixar, à perfeição, nas demandas do Brasil

deste nascente milênio. Bastava aos apresentadores recepcionar convidados muito especiais, que se revezariam em dez ou quinze minutos de conversa com o público. Poderia ser um médico do SUS, um psicólogo, um ambientalista, um cientista, um historiador, um ator teatral.

Assim foi feito. A pessoa incumbida de realizar o imenso e complexo trabalho de transformar a ideia em realidade teria de ser, precisamente, a que fez o diagnóstico exposto nos dois parágrafos que abrem este texto: Miguel Resende. Insistia ele: "*a Inconfidência tem uma personalidade que está embutida na sua missão, que é a de promover a cidadania, integralmente. O Estado não dispõe de uma rádio com o objetivo de competir com as demais. O propósito da Inconfidência é o de contribuir para a promoção integral da cidadania. Quando outras emissoras agem nesse sentido, cabe-nos dar apoio a elas*". Miguel é o coordenador do canal AM. O coordenador do canal FM é Paulo Bastos, o guardião da Brasileiríssima. Então, como é a vez do Miguel, sinal verde para ele.

Para se conhecer o resultado, basta que você sintonize o seu rádio na frequência 880 da faixa AM. Pode-se assegurar que não há, no Brasil inteiro, outra rádio tão dedicada a contribuir para que o humano se humanize. Uma incessante empreitada a favor da civilização. É água limpa. Devemos, os adultos, ter as necessárias informações e recomendações para cuidar adequadamente dos pequenos, pois, como dizia Alexander Pope, poeta da Inglaterra do século XVIII, é no sentido em que se verga o broto que se inclina a árvore.

Parabéns, Miguel. Nós, os ouvintes da Inconfidência, agradecemos.

Tudo começou quando cantei na Escola de Rádio, em 1948

RICARDO PARREIRAS*

Aquele som chiado de rádio antigo até hoje me arrepia. O rádio ainda era uma novidade, coisa rara nas casas das pessoas, quando eu apaixonei-me pelo som que saía daqueles alto-falantes movidos à pedra galena. Na minha casa não havia um aparelho desses, mas eu sempre ia à casa do vizinho para ficar ouvindo um Orlando Silva cantando, um Chico Alves, um Vicente Celestino. E imaginava como seria maravilhosa a vida de cantor. Ainda menino, ficava cantando junto e sonhando o quanto seria bom se eu conhecesse um homem como o Orlando Silva. Mal sabia que, alguns anos depois, seria colega dele.

Nasci em 17 de janeiro de 1928, na pequena e histórica cidade de Bonfim, região Central de Minas. Meu pai, Damaso Parreiras, era um operário da prefeitura; minha mãe, Maria Augusta Parreiras, costureira. Ainda hoje, tenho na memória a imagem dela pedalando a máquina, até tarde da noite, para ajudar no sustento da casa. Éramos uma família pequena: eu – até então, José Parreiras, o caçula – e mais dois

* A jornalista Aline Louise gravou os depoimentos de Ricardo Parreiras, escrevendo e editando o texto final com a máxima fidelidade à fala dele.

irmãos, Exaltino Parreiras e Pedro Parreiras. Meus olhos infantis viam o pequeno casebre que morávamos como uma mansão; tudo era grande: o fogão à lenha, as cadeiras, os móveis da sala. Naquela época, geladeira era artigo de luxo; os alimentos eram conservados na despensa, muitos deles no latão de gordura. Comida simples: arroz, feijão e ovo. Carne, só nas datas especiais. Eu nem sabia que aquilo era pobreza, afinal, a vida era muito feliz.

Nadar em ribeirão, brincar de pega-pega, armar arapuca para pegar Inhambu, roubar jabuticaba. Não tenho vergonha desses pequenos furtos, era algo tão natural... A jabuticabeira ali, carregadinha, quase chamando a gente. O nosso principal alvo era a jabuticabeira do quintal do Doutor Moreira. Certo dia, eu, Dionísio e Ademar, dois moleques que estavam sempre comigo, esquecemo-nos da hora em cima do pé. Também, para que pensar no tempo, com tanta delícia a nossa mão? Ali era o paraíso! Foi então que ouvimos vozes descendo pelo quintal. O Doutor Moreira era considerado o homem poderoso da cidade. Ele estava acompanhado da filha, Lourdes – acho que era esse o nome dela. Linda! Nessa hora, não havia mais tempo de fazer nada. O jeito era rezar para que eles passassem por debaixo do pé, sem olhar para cima. E ficamos ali paralisados, por minutos que pareceram uma eternidade. O medo tomou conta da nossa percepção. Mas uma coisa eu digo: saímos de barriga cheia!

Nadar nu, no ribeirão, era outra farra, até sermos denunciados, por um colega, a meu pai. O senhor Parreiras chegou "brabo", já com o cinto na mão, que ficou marca-

do no meu corpo. Em casa, minha mãe, muito carinhosa, explicou-me uma das lições mais dolorosas e bonitas que aprendi: "*Ele fez isso para o seu bem Zé, meu querido! Você poderia ter se afogado! Isso é cuidado, amor de pai, não sinta raiva dele.*"

E a vida seguia assim, leve, mas não sem trabalho. Aprendi muito cedo a lutar pelo que era preciso. Minha casa tinha galinheiro, horta farta com almeirão, couve e alface. Lembro-me de que, quando as coisas apertavam, minha mãe pegava os ovos e as verduras, colocava-os num balaio e dizia: "*Zé, meu filho, vai à casa da Dona Dodoca e veja se ela quer comprar; se não quiser, vai à casa da Dona Mariquinha*". E vendendo verdura, de porta em porta, eu ajudava em casa. Nunca voltei com o balaio cheio; o que voltava carregado era o peito de orgulho, com o dinheirinho para ajudar minha mãe.

Aliás, eu sempre arrumava um jeito de ganhar um dinheirinho. Às vezes, ficava no ponto de ônibus – que naquela época a gente chamava de jardineira – oferecendo-me para carregar a mala dos passageiros e, quem sabe, ganhar uma gorjeta.

Se minha vida tinha uma trilha sonora, era o som do rádio do vizinho. O rádio, tipo capelinha, ficava numa sala grande, bonita, em cima da mesa, enfeitado com um forrinho e um jarro de flor. Aquele som chiado anunciava o início da noite, quando todos nos reuníamos para ouvir o noticiário e boa música. E ali ficávamos até o sono chegar. Era hora de voltar para casa e descansar, não antes de fazer a oração que minha mãe ensinou-me: "com Deus eu me

deito, com Deus eu me levanto, nas graças de Deus e do Divino Espírito Santo".

Eu soube de muitas coisas por aquele rádio capelinha, inclusive da inauguração da rádio oficial do Governo de Minas, a Rádio Inconfidência, PRI-3, em 1936. Eu tinha apenas oito anos. A emissora foi a realização do sonho do então secretário de Agricultura, Israel Pinheiro da Silva, que sugeriu ao governador da época, Benedito Valadares, a criação de uma rádio que pudesse ligar toda Minas Gerais, unindo o campo e a cidade. Mas para fazer a emissora, eles tinham um problema: como conseguir dinheiro para o empreendimento? Então tiveram a ideia de pedir a ajuda dos prefeitos das diferentes cidades do Estado, para que colaborassem financeiramente com a compra do transmissor. Praticamente todos os convocados felicitaram a ideia e contribuíram com uma quantia. Assim foi possível comprar os equipamentos mais modernos da época, o que mais tarde, em 1960, rendeu à Rádio Inconfidência o título de "Emissora Padrão do Continente", num congresso sul-americano de radiodifusão realizado em Buenos Aires.

No dia 3 de setembro de 1936, às sete e meia da noite, o locutor Francisco Lessa anunciava ao público o nascimento da mais potente estação do Brasil. Naquela noite, o povo se espremia nas escadarias do prédio da emissora, na Feira Permanente de Amostras – onde hoje é a rodoviária da capital – e se aglomerava na Praça Rio Branco para testemunhar o surgimento da tão sonhada rádio.

Além do governador Benedito Valadares, várias autoridades estiveram na inauguração da emissora, como o

ex-presidente da República Wenceslau Brás, Frei Dom Luiz de Santana, bispo de Uberaba, e também representantes de diversas entidades da sociedade civil, como o presidente da Federação das Associações Mineiras de Atletismo, Serra Negra, que com entusiasmo disse que a Rádio Inconfidência era a mais moderna das conquistas de Minas, prevendo que ela iria abrir perspectivas imprevisíveis para o progresso do estado.

A primeira grande transmissão da Rádio foi o Segundo Congresso Eucarístico Nacional, que acontecia na semana da inauguração, na Praça Raul Soares, o centro geográfico de Belo Horizonte. Lugar que não demorei a conhecer, já que, em 1939, eu e minha família mudamo-nos para a capital.

Era o início de um sonho. Papai vendeu a casa em Bonfim, colocamos a bagagem no caminhão e viemos. Já tínhamos um barracão alugado na Rua Campos Sales, no bairro Gameleira. O dinheiro da casa virou uma banca de frutas no Mercado Central. As verduras deram lugar a mexericas no meu balaio. Todos os dias, eu saía do Mercado e ia até ao Campo do Palestra Itália, no Barro Preto, para vendê-las. Ali sempre tinha muita gente, para ver o treino do atual Cruzeiro: "Olha a mexerica docinha!". Assim eu atraía a clientela, todo tipo de gente, até jogador de futebol.

Minha mãe queria me ver crescer na vida. Quando chegou a Belo Horizonte, não parou de procurar emprego para mim e meus irmãos. De vendedor de frutas eu tornei-me ascensorista no elevador do Oeste Hotel, na Avenida Paraná. Ali a rotina era "bom-dia, boa-tarde", o sobe e desce do elevador, sempre com um sorriso no rosto. Mas eu queria

mais, meus sonhos não cabiam na pequena cabine daquele elevador. Então, fui convidado pelo Jota Barulli, que era nosso vizinho – a essa altura já estávamos morando no Barro Preto – para trabalhar na sua alfaiataria, que ficava na Rua São Paulo. O cargo não era alto, porém era importante: abastecer o ferro com carvão em brasa, para que os alfaiates pudessem deixar os tecidos esticadinhos, impecáveis. Trabalho duro, ainda não existia ferro elétrico. No fim de semana, eu fazia a entrega dos ternos, a melhor parte do emprego, porque sempre tinha uma gorjeta, dinheiro que financiava minhas noites no Cinema Paissandu. Até hoje eu adoro filme de faroeste! Pena não vê-los mais na tela grande.

Entretanto, abastecer ferro ainda era pouco para mim e para minha mãe. Ela então conseguiu uma vaga de office boy – na época, chamava-se contínuo –, na Sul América, que ficava no Edifício Lutetia, na Rua São Paulo. Nessa função, eu me saí muito bem, rapidamente fui promovido a chefe dos contínuos e não precisava mais ir à rua. Depois, passei num concurso para trabalhar como datilógrafo da secretaria geral da Sul América, local de emissão das apólices. Como me tornei datilógrafo? Nunca fiz curso, mas sempre chegava uma hora mais cedo no trabalho e ficava ali, à máquina, treinando datilografia.

O serviço na Sul América era bom, lá fiz muitos amigos. Quando o expediente acabava, a gente continuava um pouco mais na empresa. A turma pedia-me para cantar, e ali eu conquistei meu primeiro público como cantor. No repertório, sempre ele, Orlando Silva, também Silvio Caldas, Francisco Alves, e o *happy hour* virava show, festa.

Até que um dia, o Jonas Haad, também datilógrafo na empresa, teve a grande ideia:

- Parreiras, você precisa cantar no rádio!

- Mas eu não tenho coragem!

- Não, eu vou com você.

Acompanhado dele, fui à Rádio Mineira, que tinha um tradicional programa que se chamava *A Hora da Corneta*, animado pelo radialista Valdomiro Lobo. Era um programa de calouros. Fiz a inscrição para participar. O atendente perguntou:

- Vai cantar o quê?

Escolhi uma música que eu estava habituado a cantar:

- *Granada*, de Agustín Lara.

- Mas vai cantar em espanhol?

Eu não falava espanhol, mal sabia o português, mas cantar, eu cantava. Papagaio não repete? Então, eu sabia a pronúncia. Desenvolvi a habilidade de ouvir e repetir a pronúncia ainda menino, na igreja. Eu fui coroinha e o padre fazia a missa em latim, eu repetia aquilo tudo, sabe-se lá o quê. Assim, confiante, reafirmei para o atendente:

- Isso, coloca aí, *Granada*, de Agustín Lara.

Fui para casa cheio de expectativa. Cantei *Granada* até não conseguir mais pensar em outra coisa. No dia seguinte, voltei à Rádio Mineira. O programa começou e "lá pelas tantas" o Valdomiro Lobo anunciou:

- Com vocês, José Parreiras!

Entrei no palco assustado com aquela plateia, mas confiante. Modéstia à parte, eu sempre fui bom! O pianista fez a introdução e eu entrei. Cantava e ao mesmo tempo esperava

a corneta. Para minha surpresa, fui até o final e, ao invés do som da corneta, eu ouvi aplausos:

- Vamos aplaudir! É mais um astro que surge no cenário artístico mineiro! – disse o Valdomiro.

Depois de mim, muitos outros cantaram. Somente no final do programa foi escolhido o melhor da noite. Quem? Eu. O interessante foi a premiação: um corte de casimira, tecido bacana da época, um pacote de macarrão e uma garrafa de "vinho revolto", daqueles que batem no estômago e fazem uma "revolta". Cheguei correndo em casa, minha mãe recebeu-me de braços abertos: "*Meu filho é um artista!*". Ela me abraçou chorando, emocionada! Meu pai, mais sisudo, na sua emoção contida. Meus irmãos também orgulhosos.

Fiquei mais entusiasmado. O próximo passo era a Rádio Inconfidência, uma rádio imponente, de maior alcance. Eu sabia que na emissora tinha um programa chamado *Escola de Rádio*, dirigido pelo maestro Elias Salomé. Ao chegar ao prédio da Feira de Amostras, encantei-me com o lugar. Lá o Governo de Minas exibia, com orgulho, os produtos da indústria mineira, as riquezas da nossa terra e, claro, a emissora, considerada na época a principal realização do governador Benedito Valadares.

As instalações da rádio eram luxuosas, de encher os olhos, e ficavam na torre central do edifício. Ali, além dos estúdios, estavam a administração, os demais departamentos e um grande restaurante, considerado na época o mais elegante da cidade. Entrei e perguntei pelo programa:

- Eu queria fazer um teste para cantar no *Escola de Rádio*!

Fui encaminhado até o maestro. Ele sentou-se ao piano e pediu para que cantasse alguma coisa. Soltei *Os anos carregaram*, composição de Orlando Monello e Osvaldo França:

- "*Foi numa tarde de agosto ou de setembro, quanto tempo, mal me lembro, onde foi que a conheci*".

- "*PAM*"...

O maestro bateu os dedos no teclado, deu um acorde e olhou para mim. Eu me assustei.

- Ótimo! Você é ótimo! Está selecionado, inscrito no programa. Pode voltar na próxima semana – disse o maestro.

Logo, eu passei a cantar uma vez por semana naquele programa, que não era um programa de calouros, mas sim de amadores. Eu não ganhava nada, mas cantava ao lado de nomes como Nívia de Paula, Paulo Marquez, os Titulares do Ritmo, que se tornou um dos maiores conjuntos vocais do Brasil. O programa foi uma escola para mim. Aprendi a usar o diafragma, a impostar a voz, a respirar no tempo certo. Tornei-me de fato um cantor.

As apresentações eram ao vivo. A emissora tinha quatro orquestras. A Orquestra de Dança, regida pelos maestros Djalma Pimenta e José Torres, que tinha uma formação tradicional com 35 músicos, com todos os naipes instrumentais. Tinha ainda a Orquestra Melódica, dirigida pelo maestro e arranjador Moacyr Portes. Na formação eram quatro violinos, duas violas, dois violoncelos, um contrabaixo acústico, duas flautas, duas tramponas, duas clarinetas, um piano e a percussão. A terceira era a Orquestra de Salão, um misto de câmara e sinfônica, com 25 músicos.

A regência era do maestro Mário Pastore, responsável por um repertório clássico. O conjunto acompanhava ainda ilustres cantores do gênero, como Maria Lúcia Godoy, João Décimo Brescia, Aymoré Tomagnini, Célia Coutinho, Zilda Lourenço, Genuína Pinheiro, Palhano Junior, Ana Maria Martins e muitos outros tenores, barítonos e sopranos. Com a morte do maestro Pastori, a Orquestra de Salão ficou sob a responsabilidade do maestro José Ferreira da Silva. A quarta orquestra era a Típica, composta de piano, bandoneón, violinos e cello. Dirigida pelo pianista Mauro Coura Macedo, apresentava um repertório portenho, com tangos, milongas, valsas e acompanhava cantores como Juan Moreno, Alaor Brasil, Maria Helena e outros intérpretes do gênero de Gardel.

A rádio tinha ainda dois conjuntos regionais: um sob o comando do professor Juvenal Dias, excepcional flautista, e outro sob a responsabilidade do professor Bento de Oliveira, grande violinista. Nesses regionais destacavam-se instrumentistas como Waldir Silva, Ofir Mendes, Elias Salomé, Mário Vaz de Melo, Zinho do Cavaco, Sanica, Nicodemos, conhecido como "Príncipe Nica", Milton Mota e tantos outros.

Um dos grandes prazeres que eu tive foi ser colega dos Titulares do Ritmo, um grupo de seis cegos do Instituto São Rafael. Eu ficava ali admirando aquelas vozes de anjos. Em suas apresentações, eles se colocavam em meia-lua ao redor do microfone e cantavam encostados uns aos outros, um sentindo a respiração do outro, numa sincronia e harmonia perfeitas.

Outro cara "boa praça" era o Paulo Marquez, um sambista da melhor qualidade, músico tarimbado, *crooner*[1] da Orquestra do Cabaré Montanhês, famoso ponto da zona boêmia da cidade, onde o Juscelino Kubitschek costumava dançar. Eu sempre ia ao Montanhês vê-lo cantar, mas não me sentia à vontade para dar uma "canja", apesar de querer muito. Ficava atrás da orquestra, porque nunca tinha trajes apropriados para uma apresentação. A vida estava mudando, no entanto ainda eram tempos difíceis.

Cantei no *Escola de Rádio* por seis meses. Era o ano de 1948. Depois desse período, veio a oportunidade que eu tanto esperava. O maestro Elias Salomé anunciou que faria uma seleção entre os cantores do programa, para que a emissora contratasse um cantor e uma cantora. Fiquei uma semana ansioso, preparando-me, precisava ser contratado. No dia da apresentação, coloquei-me diante da plateia, confiante, nada podia dar errado... Mas deu! Justamente naquele dia, ajustei mal o pedestal do microfone, que começou a descer. Eu nem pensei: desci junto, fui cantando cada vez mais baixo, na altura, não na potência da voz, que seguia firme.

No final das apresentações, a comissão julgadora reuniu-se para escolher os futuros cantores contratados da Rádio Inconfidência. Anunciaram o nome da cantora, Nívea de Paula; depois, era hora de dizer quem entre os homens tinha sido o escolhido. Então, veio o nome de Paulo Marquez. Pensei que tudo estava perdido... Para minha surpresa e alegria, em seguida disseram que eu havia empatado com ele e a solução seria contratar os dois. E não é que o imprevisto

[1] *Cronner* é vocalista de canções, que é acompanhado de orquestra ou conjunto musical.

do microfone até me ajudou! O locutor do programa, Paulo Nunes, veio me elogiar: "*Gostei de ver, você segurou bem a barra, não se abalou com a queda do microfone, improvisou bem! E isso contou ponto a seu favor!*". Pois é, improviso é outro dos meus talentos!

Passada a euforia de ter ganhado o concurso, veio a assinatura do contrato. Agora eu seria cantor profissional, integrante do elenco que chegou a ter cerca de cinquenta intérpretes. Começava ali o sonho daquele menino de Bonfim!

O Paulo Nunes estava auxiliando o Elias Salomé na hora da contratação e perguntou-me:

- Qual é o seu nome mesmo?

- Zé Parreiras!

- Zé Parreiras! Mas isso é nome de sanfoneiro e não de cantor romântico! Vamos arrumar um nome mais bonito.

E foi citando alguns:

- Roberto Parreiras, Cláudio Parreiras, Ricardo Parreiras...

Naquele momento, lembrei-me do artista que fazia sucesso no cinema na época: Ricardo Montalbán.

- Gostei desse nome! – disse para o Paulo.

- É, Ricardo Parreiras é um nome bom, é mais radiofônico, mais sonoro. Ricardo Parreiras! – ele concluiu.

Assim, eu assinei o contrato como José Parreiras e, entre parênteses, foi colocado Ricardo Parreiras. Esse foi meu segundo batismo! Prefiro ser chamado de Ricardo Parreiras, afinal, ele é bem mais novo que o José!

Então, tornei-me cantor profissional da Rádio Inconfidência, com salário e tudo. Eu era escalado para cantar

em vários programas. Ficava à disposição da Diretoria Artística. Como não havia horário fixo, decidi sair da Sul América e também parar os estudos. À época, eu cursava a Faculdade Brasileira de Comércio. Troquei a matemática pela música.

Cantei nos programas *No mundo das Recordações*, *Cortina Musical* e tantos outros da grade da emissora. Minha voz, pelas ondas da Inconfidência, chegava a vários cantos de Minas Gerais, ecoava em toda capital mineira. O rádio ainda era o principal veículo de comunicação da época, posso dizer que estava ficando famoso. Confesso que isso facilitou bastante a minha vida.

Muitas meninas queriam conhecer o cantor do rádio, principalmente no bairro onde eu morava, o Barro Preto. Depois da missa das dezoito horas, a rapaziada sempre ficava por ali, nos arredores da Igreja São Sebastião, conversando, paquerando. E em meio a tantas garotas, eu conheci a Maria Inez. Ela era especial! Tinha seis irmãs que, graças a Deus, eram minhas aliadas e ajudaram na nossa aproximação. O namoro durou três anos. Com o salário da rádio ainda não era possível o casamento. Por isso, abri uma mercearia em sociedade com meu irmão Pedro, na Rua Tuiuti, esquina com Curral Del Rei, no Carlos Prates. Como o negócio obteve sucesso, foi possível correr os proclamas.[2] Casamo-nos em 1951, na mesma igreja onde nos conhecemos. A "Inezinha" deu-me seis filhos. Claro que eu colaborei! A mais velha, Rosa Maria, que se formou em biologia; depois veio Márcia Maria, que se tornou psicóloga; o terceiro foi José Augusto, hoje economista. A quarta

[2] Proclamas é o anúncio público do casamento a se realizar, convidando aos cidadãos a darem a conhecer os possíveis impedimentos para sua realização.

é a Valéria, assistente social; depois veio o Paulo Roberto, formado em administração e a rapinha do tacho, Claudinha, publicitária.

Família grande, trabalho grande. Não foi à toa que agarrei todas as oportunidades que pude na Rádio Inconfidência. Aliás, a emissora me proporcionou muitas oportunidades, entre elas a possibilidade de conhecer meu ídolo de infância, Orlando Silva. Numa festa em comemoração ao aniversário da empresa, o diretor comercial, Levi Freire – que também era empresário de artistas – trouxe o Orlando para cantar aqui. Ah, eu fiquei emocionado! O Levi foi o mestre de cerimônia da festa. Após a apresentação do Orlando Silva, ele disse:

- Temos aqui um colega que faz imitações sua, Orlando. Parreiras, venha cá!

Encolhi na cadeira. Como eu poderia cantar, imitando o Orlando, para o próprio?! Mas não teve como escapar. Então cantei fazendo todos os trejeitos do meu ídolo: "Para mim, você é jornal de ontem. Já li, já reli, não serve mais"...

O Orlando levanta e começa a vir na minha direção. Logo pensei: "vai me lascar a mão na orelha". Mas não é que ele passa a mão sobre o meu ombro e começa a cantar comigo! Depois disso, ficamos amigos. Levei-o para conhecer o Mercado Central, comprar queijo e guardar boas lembranças das Minas Gerais.

Não foram poucos os ídolos que eu tive o prazer de conhecer na minha vida de cantor na Rádio Inconfidência. Como me esquecer da querida Dalva de Oliveira, muito amável, ou da emoção que senti ao estar frente a frente com

Ari Barroso?! Aliás, um "boa praça" vaidoso, que gostava sempre de passar um pentinho no cabelo.

Comecei como cantor, mas esse foi apenas meu primeiro cargo. Acumulei diversas funções. Eu sempre fui muito brincalhão; vivia contando piadas pelos corredores. Um dia, o Elzio Costa, que na época era produtor humorístico e depois veio a ser presidente da emissora, ouviu-me fazendo graça e disse:

- Você não quer participar de programa humorístico?

- Claro! – disse, aceitando na hora.

Iniciei fazendo "escada" para os humoristas mais experientes. Logo, destaquei-me entre a nossa equipe de dezesseis humoristas, passando a ser chefe do elenco de comediantes. Dirigia ensaios e apresentações, escrevia textos, produzia. Nós tínhamos muitos programas humorísticos na Rádio Inconfidência na época: *Um, dois e... música, Alegria da Vida, Dicionário do riso*, *Dia vai, dia vem*, entre outros. Com a nomeação do Elzio para presidente da emissora, pelo então governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, eu assumi a produção dos seus programas também: *A Arca de Noé*, *O Lado Pitoresco da Vida* e outros que tais!

Para produzir os programas humorísticos eu tinha uma esperteza: comprava um livreto de piadas, espichava a história, criava personagens, até chegar ao desfecho. Esses programas eram apresentados no auditório da Feira de Amostras, sempre com plateia. Tudo era divertido! Nos ensaios, cada humorista criava os tipos mais engraçados: o nordestino, o malandro, a velha. A grande recompensa era ouvir as gargalhadas do público, elas alimentavam o impro-

viso e o palco incendiava-se. Nos intervalos dos esquetes, havia uma apresentação musical com cantores da casa, às vezes, até eu mesmo.

Certo dia, o presidente Elzio Costa chamou-me até sua sala e apresentou-me um jovem tímido:

- Parreiras, esse é o Mauro Gonçalves. Eu gostaria que você fizesse um teste com ele.

O Mauro era comediante numa rádio de Sete Lagoas, sua cidade natal. Ele voltou no dia seguinte para que eu pudesse avaliá-lo. Primeiro, levei-lhe para assistir a um dos programas e depois fomos ao estúdio, para que ele pudesse gravar uma das cenas que havia visto. E não é que o garoto era bom! Ele foi imediatamente contratado, passando a fazer parte do nosso elenco.

No primeiro programa em que o Mauro participou, presenteei-lhe com um "bife", texto grande, para marcar sua estreia. Mas ele acabou se enrolando todo, nada que um improviso meu não pudesse amenizar. No final do programa, ele estava nos bastidores chorando:

- Não volto mais aqui! Errei tudo!

- O que é isso rapaz?! Estreia é assim mesmo!

Eu sabia que era só nervosismo e que ele tinha talento. Ficamos amigos. Mais tarde, o Mauro tornou-se um dos grandes comediantes do país, no papel de Zacarias, no programa *Os Trapalhões*, com Renato Aragão.

Além do Mauro, a Rádio Inconfidência tinha no seu quadro de comediantes nomes como Gê de Carvalho, Henrique Lacorte, Jota Sousa, Heloisa Mallard, Mara Rangel e sua irmã Arlete Rezende, Ubaldino Guimarães, Lady Fran-

cisco, Gastão Arreguy, Anita Mariel, Hélio Aroeira, David Cabeniti, Raimundo Ramos de Oliveira e vários outros.

E quando eu digo que acumulava funções, não é força de expressão. Ao mesmo tempo em que cantava, atuava nos programas humorísticos e no radioteatro, era assistente da Direção Artística, produtor musical, chefe dos locutores. Como se diz, tornei-me "cobra criada" em rádio, não havia função da qual eu não entendesse ou não pudesse opinar.

Em 1960, fui convidado para ser jurado do programa *A Voz de Ouro ABC*, um projeto promovido pela fábrica de aparelhos eletrônicos ABC, que era apresentado nas principais emissoras de rádio do país. A proposta era selecionar os melhores cantores nacionais, assim como fazem hoje programas como o *The Voice Brasil*. *A voz de Ouro ABC* tinha seletivas regionais e eu fazia parte do corpo de jurados de Minas Gerais.

Certo dia, Jadir Ambrósio, músico e compositor mineiro, chegou à Rádio Inconfidência acompanhado de uma moça tímida e muito simpática, de nome Clara Francisca Gonçalves. Ele queria inscrevê-la no programa *A Voz de Ouro ABC*. Clara, natural de Caetanópolis, era tecelã da Fábrica de Tecidos Renascença, mas desde menina tinha talento com a voz. O concurso era a chance de ser apresentada ao grande público. Já estreou no programa com o nome que a acompanhou por toda a carreira: Clara Nunes. E desabrochou, ganhando todas as seletivas em Minas, com o repertório de sambas e boleros.

Lembro-me de sua participação na grande final do programa, que foi realizada em São Paulo. Clara concorreu

com candidatos de todo o país com a música *Só Adeus*, de Jair Amorim e Evaldo Gouveia. Reunimo-nos, diretoria e funcionários da rádio, para ouvir a apresentação. O seu terceiro lugar foi comemorado por todos nós como uma grande vitória. Na sua volta a Belo Horizonte, ela foi logo contratada pela Rádio Inconfidência, compondo nosso elenco de cantores. Durante três anos seguidos, foi considerada a melhor cantora de Minas Gerais.

Clara Nunes não ficou muito tempo na emissora. Pouco depois, em 1963, foi convidada a trabalhar na TV Itacolomi, onde tinha o programa semanal *Clara Nunes Apresenta*, que foi exibido por cerca de um ano e meio. Mas Clara sempre queria mais e foi tentar carreira no Rio de Janeiro. Lá foi apresentada ao samba do morro, tendo contato com Cartola, Nelson Cavaquinho e tantos outros sambistas da velha guarda. Esse foi um divisor de águas na sua carreira. A partir desse momento, Clara construiu a personagem que se transformou num ícone da música brasileira.

Clara foi uma das artistas da Rádio Inconfidência que migraram para a TV. A TV Itacolomi foi a primeira emissora de televisão da capital mineira e sua chegada, em meados da década de 50, gerou impactos importantes nas rádios. Eu, Mauro Gonçalves, Heloisa Mallard, Ubaldino Guimarães, Lady Francisco, todos nós também fomos trabalhar na TV. Naquela época, era possível conciliar a atuação nos dois veículos. Um dos programas de grande sucesso nas telas foi o humorístico *Cada um com seu estilo*, produzido pelo Elzio Costa. Era um programa semanal, no qual os personagens

fixos viviam muitas atrapalhadas. Eu fazia o "João Grossura", um tipo desatualizado, e contracenava com o Mauro Gonçalves, no papel de pai do "Caticó", um menino encarnado por Heloisa Mallard. O jargão "fala Caticó" foi parar na boca do povo.

Junto com os artistas do rádio, a TV também levou os anunciantes. Todos queriam ver seus produtos nas telas. Com isso, as rádios perderam arrecadação e precisaram se reinventar. As orquestras foram diluindo-se, as radionovelas foram acabando-se, as apresentações ao vivo dos cantores foram ficando escassas. O caminho tomado pelas rádios foi a prestação de serviço, a utilidade pública, o jornalismo e o esporte, que ganharam espaço na programação.

O Departamento de Esportes da emissora, desde a década de 50, era comandado pelo meu colega Jairo Anatólio Lima, que era filho do senhor João Anatólio Lima, "pai" do programa *A Hora do Fazendeiro*. O Jairo começou a trabalhar na rádio em 14 de abril de 1941, como contínuo. Era ainda um menino. Depois ele atuou nos departamentos de publicidade, artístico, radioteatro e destacou-se como comentarista e narrador esportivo. Ele assumiu a chefia do Departamento de Esportes em 1951, substituindo Paulo Nunes Vieira. Foi o primeiro locutor de Minas a transmitir do exterior, quando cobriu as eliminatórias da Copa do Mundo de 1954, no Chile e no Paraguai. Jairo foi ainda cronista da seleção brasileira em 1963, no campeonato sul-americano da Bolívia. Sua equipe, para citar alguns grandes nomes, contou com Fortunato Pinto, Alair Rodrigues, Danio Moreira, Sérgio Ferrara, Jovelino Nunes, Jugurta Anató-

lio, Hamilton Macedo, Jader de Oliveira, Kafunga, Vilibaldo Alves, Waldir de Castro, José Lírio e Oswaldo Faria.

No Jornalismo, a Rádio Inconfidência também contou com grandes profissionais, como José Alphonsus de Guimarães, José Aparecido de Oliveira, Francelino Parreira, José Maria Rabelo, Wilson Ângelo, Salomão Borges, Jader de Oliveira, Lomelino Couto, Elzio Costa, Washington Albino, Resenvaldo Vilas Boas, Silvio Abreu, Rômulo Arantes, Aluísio Campos e Walter Boffa.

Em 1966, a Rádio Inconfidência já havia sido transferida para o Edifício Dantés, na Avenida Amazonas, bem no centro da cidade, onde ficamos até 1972. Todo seu *cast* de artistas já estava desfeito, ficaram apenas locutores, noticiaristas, poucos produtores. Quase todos os programas da grade foram tirados do ar, dando lugar a mais noticiários e música gravada. Uma das poucas atrações que resistiram foi *A Hora do Fazendeiro*. O programa entrou no ar no dia 7 de setembro de 1936, poucos dias depois do lançamento da Rádio Inconfidência. Até hoje os acordes da sanfona de Rubens Diniz, tocando a rancheira *Campo Belo*, de Antenógenes Silva, anunciam o início do programa, que sempre foi um dos programas de maior audiência da emissora.

O programa *A Hora do Fazendeiro* foi criado pelo engenheiro agrônomo João Anatólio Lima, que era funcionário da Secretaria de Agricultura e foi convocado para essa tarefa pelo próprio Secretário, Israel Pinheiro. João Anatólio não falava ao microfone, mas escrevia as receitas que eram lidas pelos locutores e respondia as dúvidas dos produtores rurais: como acabar com o carrapato do gado, qual a receita

para o bezerro adoentado e outras dicas para melhorar o manejo e tornar a lavoura mais produtiva. Ele também escolhia pessoalmente as atrações musicais do programa, que eram feitas ao vivo. Ali surgiram grandes nomes da música sertaneja de raiz, como Toninho e Tonhão, Gino e Geno, Delmir e Delmon, Trio Parada Dura, Samica e Carijó, Marino e Maringá, Delmário, Caxangá, Bentinho do Sertão e muitos outros. O senhor João Anatólio Lima produziu o programa durante 40 anos.

Em 1966, eu fui convidado pelo Murilo Rubião, então diretor da Imprensa Oficial, para ser revisor do jornal "O Minas Gerais", o Diário Oficial do Governo de Minas. Logo depois, participei de um concurso interno, entre os jornalistas do serviço público, e fui lotado na Assessoria de Imprensa do Palácio dos Despachos do Governo de Minas Gerais. Paralelamente, fui convidado pelo Emanuel Carneiro, Presidente da Rádio Itatiaia, para atuar no programa *Rádio Polícia*, que se tornou a maior audiência de rádio em Minas Gerais. O *Rádio Polícia* era um diário que fazia do drama uma comédia. O elenco era composto por mim, que interpretava várias vozes e tipos, encenando situações cotidianas; José Lino Souza Barros, que narrava as histórias; além do Acir Antão e do Nilton Oliveira, o Pascoal, que também faziam alguns personagens.

O programa ia ao ar sempre ao meio-dia. Ele estava em todos os radinhos de pilhas, acompanhava os motoristas e alegrava a vida das donas de casa. No estúdio, divertíamo-nos, improvisávamos, às vezes, até nos exaltávamos. Certo dia, o senhor João de Deus, chefe do departamento financeiro, subiu assustado com o barulho que vinha do estúdio e depa-

rou-se comigo, pulando em cima da mesa, simulando uma briga, tudo para dar mais veracidade a situação da personagem. Fiquei no elenco do *Rádio Polícia* até 1987, quando o programa foi tirado do ar.

Enquanto eu atuava na Itatiaia, a Rádio Inconfidência foi transferida para um prédio na Rua São Paulo, no Bairro de Lourdes, onde funcionou de 1972 a 1985.

Ainda em 1987, o ex-deputado João Barbosa foi nomeado pelo governador para o cargo de Presidente da Rádio Inconfidência. Nessa época, a emissora já estava funcionando na Rua Paraíba, na Savassi, onde permaneceu até 1990. Assim que foi nomeado, ele ligou para mim, chamando-me para conversar:

- Parreiras, estou sendo nomeado Presidente da Rádio Inconfidência e quero você como meu diretor de produção.

Então, esse foi meu reencontro com "O Gigante do Ar". Aliás, esse *slogan* da Rádio foi criado pelo radialista Pedro Luiz Rodrigues, enquanto coordenador da emissora.

Na trajetória de sucessão da Rádio Inconfidência, o Assad de Almeida assumiu a presidência em 1988 e eu fui promovido a Diretor Artístico da emissora. Fiquei por muito tempo nesta atividade. Com o passar dos anos, aos poucos eu fui deixando de acumular funções. Hoje me dedico exclusivamente ao programa *Clube da Saudade*, veiculado diariamente, de segunda a sábado, das 22h às 24h. E ao microfone é o meu lugar: cantando, apresentando, fazendo graça. Nunca vou parar. Como tudo em rádio é plugado, eu também estou plugado e vou continuar assim até a hora em que Deus puxar o fio.



DELICIOSA REFERÊNCIA EM MINHA VIDA

Sou Beth Seixas, locutora da Rádio Inconfidência pela segunda vez. Minha primeira participação na emissora foi no ano de 1991 e lembro-me de que estreei muito nervosa, por causa da responsabilidade de falar numa emissora de tamanha grandeza e importância no mercado de rádio brasileiro.

Fiz a rádio AM e senti-me num palco maravilhoso e real, com a participação do ouvinte elogiando e criticando, ao vivo, a tudo o que acontecia em BH, em Minas e na sua comunidade. Foram dias emocionantes e felizes.

Trabalhei com fantásticos profissionais em todos os setores, desde a técnica, a direção artística, a produção, a programação, até os porteiros, as faxineiras e os boys que me ajudavam a fazer uma rádio com criatividade, paixão e tesão.

Em 2011, voltei a fazer locução nos canais FM e AM, produzindo material para o jornalismo e o comercial, realizando entrevistas, enfim, fazendo rádio como todo locutor sonha.

Como professora de locução e palestrante, sempre conto os meus "causos" por trás do microfone, e a Rádio Inconfidência é uma deliciosa referência na minha história de vida. Agradeço sempre a Deus e parabenizo-me por fazer parte do grande elenco do Gigante do Ar!



O CANTO DA VIOLA

Lembro-me, como se fosse hoje, dos tempos em que, em São João del-Rei, na companhia do meu pai, ouvia *A Hora do Fazendeiro*. Já violeiro, mas ainda rapaz, tinha o sonho de cantar um Brasil com o qual sempre fui apaixonado.

Em 1983, mudei-me para Belo Horizonte, levando na bagagem minha viola e a lembrança da Rádio Inconfidência que passou, então, a ser minha companheira diária ao acordar cedo para fazer cursinho pré-vestibular. O *Trem Caipira*, o *Bazar Maravilha*, tantos programas culturais que faziam, cada vez mais, crescer em mim o desejo de ser artista, de viver da arte.

Lancei meu primeiro CD, *No Braço Dessa Viola*, em 1996. Numa manhã, saindo para um show no Triângulo Mineiro, viajando com meu pai em seu carro, escutamos, pela primeira vez, uma música minha sendo tocada numa rádio. Era *Viola de Terreiro* vibrando na querida Rádio Inconfidência. Que orgulho!

Passados quase dezoito anos, olho para trás e vejo que o sonho de cantar o Brasil e as Minas Gerais cada dia ganha mais força em meu coração. Especialmente na Inconfidência, que também abriu seus microfones para mim. Com muita honra apresento *O Canto da Viola*, programa dedicado à produção atual da viola, aos novos violeiros que necessitam de espaço para mostrar sua arte, como a minha passou a ser mostrada há tanto tempo.

Viva a Rádio Inconfidência, hoje minha casa!



UM SONHO E SEU DESAFIO

"Meu sonho está prestes a se realizar, mãe. Fui chamado para me apresentar esta semana na Inconfidência". Lembro-me, como se fosse hoje, da alegria de compartilhar com minha mãe a admissão na rádio, em 03 de novembro de 2005. Tinha acabado de me formar em Jornalismo pela Fumec. Na emissora, apresentaria o jornal das 18h30 na AM e na FM, transmitido em rede pelas duas estações.

Estive à frente de vários programas, até o dia em que fui designado para substituir o locutor José Penido no programa *A Hora do Fazendeiro*, em parceria com Tina Gonçalves. No início fiquei meio ressabiado, devido à importância do programa, mas aceitei o desafio. Hoje, também apresento os boletins jornalísticos da tarde.

Curioso é quanto aos ouvintes, que vêm até a rádio para nos conhecer. Sempre nos imaginam bem diferente do que somos. Costumo dizer, no entanto, que no caso da Tina, o que os ouvintes conhecem pelas ondas da Inconfidência corresponde ao que ela realmente é. Toda a energia que ela tem ao comunicar, pessoalmente é a mesma coisa. E tenho propriedade para falar isso, pois desde 2005 convivo com a Tina. Amizade concreta, por isso a escolhi como madrinha.

Ainda recebemos algumas cartas de ouvintes de todo o Brasil com pedidos musicais, assim como e-mails de pessoas elogiando, dando sugestões para o programa e relembrando casos. Sempre agradeço a Deus por mais um dia, por mais um programa. Vida longa ao programa mais tradicional do rádio: *A Hora do Fazendeiro*!



AQUI É O MEU LUGAR!

Meu caso de amor pelo "Gigante do Ar" começou em 1998. Foram sete anos de atuação na cobertura diária de Cidades, Política, Polícia, Economia e Meio Ambiente. Além de fazer reportagem, apresentei o programa *Alô Povo*, durante dois anos, visitando bairros da capital e de cidades vizinhas para ouvir as demandas das comunidades. Conseguíamos solucionar, imediatamente, problemas que se arrastavam por anos.

Um dos programas mais emocionantes que fiz foi a cobertura do soterramento de várias pessoas, inclusive crianças, no Morro das Pedras. Narrei, ao vivo, todo o resgate, entrevistei bombeiros, curiosos, familiares. Foram momentos em que também me emocionei.

O *Alô Povo* foi uma experiência tão importante que, quando houve o concurso, em 2005, não hesitei em escolher ser locutora. Em 2006, assumi o *Revista da Tarde*, que continuo a comandar até hoje. Também faz parte da minha caminhada na Inconfidência a grata experiência de conduzir, por dois anos exatos, o programa *Prosa de Mulher*.

A Inconfidência é um dos patrimônios mais importantes do povo mineiro. Tenho muito orgulho de ser um pedacinho dessa emissora, que fala para Minas e para o mundo e ecoa fortemente no coração de cada um de nós!



DEZOITO ANOS DEPOIS...

A Rádio Inconfidência faz parte da minha vida desde a infância. A emissora tornou-se para mim, ainda garoto, referência de qualidade, especialmente na cobertura futebolística, contando com excelentes profissionais e uma programação tão cativante que, aos domingos, minha audição começava ao meio-dia, no *Caixa-postal 0 x 0*, e só terminava ao final das *Jornadas Esportivas*, por volta das 20h.

No dia 18 de agosto de 1985, em casa, em frente ao Motorádio[1] de 6 faixas do papai, ouvindo a transmissão do jogo Atlético-MG x Roma, realizado na Itália, pensei: "é isso que eu quero ser quando crescer: locutor esportivo".

Ingressei na Rádio Inconfidência no dia 1º de dezembro de 1997, na função de auxiliar administrativo. Em 20 de outubro de 2002, iniciei minha passagem pelo Departamento de Esportes.

Depois de alguns trabalhos como produtor, plantão de *Jornada Esportiva*, entrevistador e apresentador, tomei coragem e pedi ao meu chefe, Jairo Anatólio Lima, uma oportunidade como narrador. Ele disse: "*essa é a coisa mais difícil de se fazer no rádio, meu filho*", mas, no dia 19 de fevereiro de 2003, escalou-me para narrar Atlético-MG x CRB-AL. Naquele dia, realizei um desejo nascido dezoito anos antes.

[1] Motorádio foi uma empresa paulista, fundada em 1942, pelo imigrante japonês Hiroshi Urushima. Sua principal atividade era a fabricação de rádio portátil e auto-rádio. Motorádio, neste caso, designa o rádio portátil de 6 faixas.



O RÁDIO, A RÁDIO, A INCONFIDÊNCIA...

Sempre quis o rádio, a partir do momento em que ele começou a fazer parte da minha vida. Tenho vivas lembranças de brincar, por quase um dia inteiro, com o velho e potente *Sanyo*, a pilhas, da minha avó. Ouvia as canções, as vozes imponentes e aveludadas, os criativos temas comerciais, a magia da transmissão de emoções pela voz, pelo som. Algo irresistível, incomparável, inexplicável. Paixão ao primeiro ouvido. Comecei a repetir para quem quisesse, ou não, ouvir: "Serei do rádio, o rádio já é meu".

E assim começava a minha história de amor com o rádio. Fui crescendo e compreendendo, um pouco mais, o que acontecia naquele equipamento mágico, que reunia tantas alegrias. Em casa, o rádio ficava ligado o tempo todo. Como em boa parte das famílias vindas do interior de Minas, a tradição do dial no AM 880 permaneceu na capital.

Quando a profissão escolheu-me, eu já sabia: seria um jornalista, um radiojornalista. Precisava viver esse amor de perto; realizar o sonho de infância, das brincadeiras com o radinho de pilha da vovó. Quatro anos de faculdade e uma atenção especial aos assuntos do rádio, aos mestres do rádio, aos comerciais de rádio, às técnicas do rádio, enfim, às maravilhas do rádio.

Deus, generoso, presenteou-me com a realização do meu sonho. Hoje me coloco, todos os dias, aos pés do Gigante do Ar. Empunho orgulhosamente o microfone mais tradicional, mais conhecido e reconhecido das Minas Gerais. O "Gigante" acolheu-me como um pai. O filho agradece.



UM ENCONTRO COM A CULTURA

Diariamente, sinto e vejo que a Rádio Inconfidência é um espaço único, um lugar onde artistas e músicos talentosos têm a oportunidade de mostrar seu trabalho, muitas vezes ignorado em outras emissoras. Aqui, tradição e contemporaneidade vivem em plena harmonia; a programação valoriza as riquezas do passado, sem perder o frescor da atual cena cultural. Os clássicos convivem perfeitamente com novos artistas, novas sonoridades, novos nomes da música brasileira e, principalmente, da cultura mineira.

Trabalhando pela rádio, viajei por todas as regiões de Minas Gerais retratando a diversidade cultural da nossa gente, da congada de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, aos bonecos gigantes de Brazópolis, no sul de Minas. Uma das viagens mais marcantes foi justamente ao Vale do Jequitinhonha, região nordeste do estado. Tive a oportunidade de ver os contrastes da região, lembrada pelos baixos indicadores sociais, mas de uma riqueza cultural impressionante.

Passei por várias editorias no Jornalismo até me especializar na área cultural, que tem espaço privilegiado na Inconfidência, assim como as pautas de prestação de serviço e cidadania. Aqui tive e tenho contato com profissionais importantes na história do radialismo mineiro. Por tudo isso, venho trabalhar feliz e, desde 2006, tenho orgulho de fazer parte da "família Inconfidência".



A INCONFIDÊNCIA E NÓS, MINEIROS

Qualquer pessoa nascida em Minas Gerais tem um pouco de Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade correndo pelas veias. Mesmo que não tenha lido uma linha sequer dos dois conterrâneos, o mineiro sabe que "o sertão é dentro da gente" e que todos nós temos "oitenta por cento de ferro nas almas". Algo parecido acontece com a Rádio Inconfidência.

Particularmente, meu contato com a rádio iniciou-se entre os anos 80 e 90, quando acompanhava as jornadas esportivas. Mais tarde, a Inconfidência apresentou-me efetivamente à música brasileira, algo tão presente no meu cotidiano, como arroz e feijão. Fui ouvinte assíduo do *Bazar Maravilha*, apresentado por Tutti Maravilha, e do *Feira Moderna*, comandado por Elias Santos, entre outros programas.

Até que um sopro do destino e minha devoção pela música brasileira levaram-me à Avenida Raja Gabaglia, em 2006, e desde então tenho imenso prazer em ser um dos profissionais dessa senhora quase octogenária. Entre outras funções, tenho orgulho de produzir o *Bazar Maravilha* há cinco anos e também de ter feito parte da equipe do programa *Viamundo*, ao lado da parceira Daniella Zupo, ao longo de cinco inesquecíveis temporadas.

Mais que o meu local de trabalho, a Inconfidência é para mim uma experiência transformadora. Muito além da razão, é um encontro para a vida inteira.



O DESAFIO DE SE MANTER EM SINTONIA

Um grande reconhecimento pelo que foi construído, muito cuidado e atenção com o que se faz hoje e planejamento para o que está por vir. Quem trabalha na Rádio Inconfidência não escapa impune do encontro entre passado, presente e futuro. É o que aprendi em quase uma década na emissora.

Ao chegar, notei uma imposição sutil aos novatos: a reverência àquilo que aqui já foi construído. Justa, não questiono. Mas a ela, também percebi, soma-se um anseio por novidades, desde que alinhadas ao compromisso com a cultura mineira e a prestação de serviço para quem nos acompanha de perto.

Para se chegar ao que se ouve hoje foi preciso uma sucessão de ocasos e alvoradas. A Inconfidência de ontem, a atual e a que virá é fruto de muitas, muitas mudanças. Programas criados, adaptados, interrompidos, retomados e reinventados – assisti a uma renovação constante ao longo dos últimos anos. O que não mudará é a necessidade de antever o que espera a rádio, após a curva que se desenha pelas mudanças tecnológicas e sociais.

Que os desafios e as conquistas do futuro somem-se, cada vez mais, a esta emissora de importância gigantesca.



POR DENTRO DA LEI

O quadro "Por dentro da Lei" é um serviço público oferecido aos ouvintes da Rádio Inconfidência, no qual eles podem sanar suas dúvidas, conhecer mais sobre as leis, seus direitos e deveres. No ar, desde fevereiro de 2010, sob as orientações do coordenador Miguel Resende, o quadro já atingiu diversas metas: foram mais de trezentas perguntas de ouvintes respondidas, ao vivo, no programa *Em boa Companhia*; mais de 140 temas "quentes" tratados, também ao vivo, no programa *Conexão Inconfidência* e mais de duzentas "pílulas" com orientações relativas a temas do dia a dia do cidadão.

Esses números básicos traduzem, um pouco, as minhas participações na emissora. Também atuei em outros programas, como *Universo Fantástico*, *Delírio e Cia.*, *Revista da Tarde*, transmissões esportivas e tantos outros.

Vivemos algumas coisas a mais. Intangíveis e únicas. Mais que o cumprimento do múnus da advocacia, a honra de poder ter colaborado com a missão pública deste "Gigante do Ar"! Mais que a orientação jurídica, o privilégio de poder ter aprendido com profissionais apaixonados pelo rádio. Mais que ouvir e falar em estúdios, a grata oportunidade de poder servir nossos semelhantes que, mesmo do outro lado dos 880 mega-hertz modulados, proporcionaram-nos a oportunidade de poder confortar dramas, apaziguar angústias, incendiar esperanças.

Ao amigo Valério, foi e é uma honra poder combater o bom combate ao seu lado!



O MENINO, O RÁDIO, O JORNALISTA E A RÁDIO

Sou de Formiga, do Centro-Oeste Mineiro, e desde cedo "convivo" com o rádio. Influenciado pelo Sr. Alceu e pela D.ª Alda, meus amados pais, ouvir rádio sempre foi rotina em minha vida.

O menino foi crescendo e o interesse aumentando por aquela "caixa" na qual as pessoas cantavam, falavam, choravam, riam, enfim, viviam. O encanto virou uma relação de amor entre o menino, o rádio e uma das emissoras preferidas dele: a Inconfidência.

Já adulto e mais apaixonado pelo rádio, decide profissionalmente "casar-se" com o veículo, graduando-se em jornalismo, para atuar como radiojornalista. Inicialmente, o jornalista peleja, só que o casamento não se concretiza. O ouvinte apaixonado continua com seu amor platônico e a vida segue seu rumo.

Mas – felizmente, sempre há um "mas" –, um dia, o matrimônio acontece. E o jornalista realiza o sonho de trabalhar no rádio. E em qual emissora? A Rádio Inconfidência. Como diria Renato Russo, na canção *Eduardo e Mônica*: "Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?".



INCONFIDÊNCIA TAMBÉM É BRASILEIRÍSSIMA

Antes de tudo, que fique claro: sou mineiro "de papel passado", ainda que por acidente geográfico. E fato é que, mesmo documentado, passei uns trinta anos meio de lado, em Vila Velha (ES). Ainda sobre acidentes, foi mais ou menos como voltei a Minas.

Eu tinha seis anos quando a Rádio Inconfidência FM, a Brasileiríssima, iniciou seus trabalhos. Estou nela há quase dez anos e reconheço que muitos pontos de contato ligam-me à 100,9. O caráter de canal público e suas consequentes responsabilidades – a natureza educativa, o dever de (co) responder às expectativas da(s) sociedade(s) mineira(s), o espaço dado à arte, sobretudo a produzida ou a que dialoga com a cultura de Minas Gerais – orientam uma linha editorial que muito me interessa, não apenas como profissional do rádio, mas também como artista, professor e cidadão.

A escolha da canção popular brasileira como referência estética para a programação musical é, indiscutivelmente, um posicionamento político de resistência – ou de bom gosto, se preferirem –, no amplo sentido da expressão.

Ocupar o microfone da emissora, emprestando à rádio alguma identidade, é imprimir em mim o traço coletivo das várias vozes que, somente por serem ouvidas, encontram o significado de permanecerem. Por essa razão, nenhum desejo meu pode ser mais sincero e reverente do que a vontade de que a Inconfidência permaneça por muito tempo. Do contrário, a radiodifusão brasileira talvez fosse menos alegre, menos necessária.



O NOSSO TREM CAIPIRA DE CADA DIA

O rádio sempre foi algo mágico, assim como a terra, o ar, o fogo e a água, pois envolve, além de quem o produz, o elemento mais importante do nosso meio artístico: o ouvinte. Sou de um tempo em que o rádio era o principal meio de notícias nos locais mais distantes do nosso país. E até hoje sei que ele tem essa função. O melhor meio de comunicação ainda é o rádio.

Entre muitos fatos que marcaram a minha vida como comunicador, nunca me esquecerei do dia em que recebi uma ligação da portaria da emissora, por volta de quatro e meia da madrugada, dizendo que duas pessoas estavam ali querendo me conhecer. Logo que a senhora entrou no estúdio, acompanhada da filha, desabou a chorar. Mais tarde, fui entender o motivo de tanta emoção: mãe e filha saíram de Caçapava (SP) para realizar o sonho do falecido Sr. Wilson Lara, ouvinte com quem eu sempre conversava por telefone.

Sinto-me muito gratificado por também ter dado oportunidade a tantos violeiros e duplas da música raiz: Zé Mulato e Cassiano, Leide e Laura, Eli Silva e Zé Goiano, Pereira da Viola, Chico Lobo, João Araújo, Wilson Dias, Joaci Ornelas e, até mesmo, Pena Branca e Xavantinho, dupla da qual recebi uma homenagem, uma música que nasceu com inspiração no *Trem Caipira*: *Trem das Gerais*. Recordo-me, com muita saudade, de todos os ouvintes e artistas que desceram do *Trem Caipira* e foram para a estação do céu. Como me disse certa vez um ouvinte: "O *Trem Caipira* não é somente um programa de rádio, é uma religião".



RECITAIS BRASILEIROS

O programa *Recitais Brasileiros* é o complemento erudito da excepcional programação da Rádio Inconfidência, inteiramente dedicada à música nacional. Foi criado em novembro de 2003, visando democratizar o acesso à cultura musical, com o propósito de difundir a Música Erudita Brasileira para um grande público. Os Recitais contemplam os principais compositores nacionais – desde o período colonial até os dias atuais – apresentados por renomados intérpretes. A Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, o Grupo Música Viva da FEA e outros importantes artistas da cidade integram frequentemente o repertório, cujas obras são precedidas de um breve comentário elucidativo.

Fruto de uma parceria com a Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais, o programa, desde sua criação, tem o roteiro elaborado e apresentado pelo pianista Paulo Sérgio Malheiros dos Santos, professor de História da Música nessa instituição.

O propósito social do programa vem obtendo excelente resultado, comprovado por alto índice de audiência. Desde novembro de 2009, o projeto desdobrou-se em mais um horário semanal que vai ao ar pela Rádio Inconfidência AM 880, atingindo, assim, todo o Estado de Minas Gerais.



O ORGULHO DE SER INCONFIDÊNCIA

Ainda me lembro, como se fosse ontem, da primeira vez em que pus os pés na Rádio Inconfidência. Foi no ano 2000, quando tive a oportunidade de entrevistar o então locutor Elias Santos, apresentador do programa *Feira Moderna*, para um trabalho da faculdade. Aquele universo surpreendeu-me. O mundo deu voltas e, em 2005, eu estava subindo novamente as escadas do prédio da Avenida Raja Gabaglia, só que, dessa vez, para assumir o cargo de Coordenador de Produção, função para a qual eu havia sido aprovado no concurso.

Confesso que o início não foi fácil. Acostumado a trabalhar em TV, tive que aprender a deixar a "imagem" de lado. Cheguei para chefiar uma equipe já formada e, justamente eu, era o mais novo dela. O ambiente, sucateado pelo tempo, refletia gestões passadas, que não fizeram bem ao nosso "Gigante do Ar". Pode-se até dizer que ele estava adormecido, mas nunca esquecido.

Aos poucos, fui colocando "a mão na massa" e entrosando-me com aqueles que viriam a se tornar muito mais que colegas de trabalho. Era a minha nova família. Investimentos vieram e tudo ficou "novinho em folha"! Foi então que eu percebi que, a cada roteiro produzido, a cada programa editado, a cada entrevista marcada ou pauta redigida, a cada entrada ao vivo, na AM ou na FM, enfim, a cada conversa com o ouvinte, ali estava o prazer de se fazer rádio... De fazer parte da Inconfidência.



A MÚSICA CLÁSSICA SEM COMPLICAÇÃO

> Se cada músico da orquestra sinfônica tem uma cópia da partitura para tocar, por que o maestro é necessário? Vamos imaginar o professor que distribui cópias de um texto para 10 alunos e manda que cada um faça a leitura em voz alta. Cada um fará a leitura a seu modo. Uns serão mais rápidos, outros mais pausados. Alguns mais enfáticos, outros menos entusiasmados. Na leitura e interpretação de uma partitura musical ocorre a mesma coisa. Aí aparece o maestro com sua experiência, sua técnica especial e sua liderança. Ele faz sua própria leitura e conduz todo mundo a tocar no mesmo ritmo, de um jeito só, o jeito dele, maestro.[1]

Esse é um trecho de uma das edições de *Mestres da Música*, programa semanal transmitido pela Inconfidência AM 880, pelas estações de ondas curtas da emissora e pela internet.

A ideia é atender os ouvintes que gostam de música, entretanto não tiveram a oportunidade de conhecer a arte de grandes mestres como Mozart, Beethoven, Tchaikovsky e tantos outros.

O programa não tem medo de ser didático; porém não é uma aula de música, nem eu sou professor. É dirigido a quem ainda não está acostumado com esse tipo musical, mas já descobriu o quanto ela é bela e emocionante. Por isso, toca e comenta trechos das obras mais importantes e dá detalhes sobre seus autores.

[1] LOBATO, P. 2014. *Mestres da música*. Manuscrito não publicado.



REMINISCÊNCIAS: DOCES MOMENTOS

Em 1969, comecei a integrar a equipe da Rádio Inconfidência. Já havia trabalhado nas rádios Jornal de Minas (hoje, Rádio América) e Rádio Minas, onde iniciei minhas atividades ao microfone em 1966, no jornal chamado *A Volta ao Mundo em 1080 segundos* – em alusão à frequência da emissora (1080 KHZ).

No "Gigante do Ar", apresentei, na década de 70, um programa delicioso, aos sábados, chamado *Inspiración*, só de tangos, das 22 horas à meia-noite. Lembro-me também de ter atuado com a lindíssima e talentosíssima atriz Lady Francisco, que era relações-públicas da emissora. Apresentávamos o programa que se chamava "Um homem, uma mulher", cujo prefixo era a música do filme *Un homme et une femme*, sucesso mundial.

No Jornalismo, uma das passagens que mais me emociona foi ter divulgado para o Brasil (em virtude da potência da emissora) a notícia da morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Eu era o responsável pela locução da noite, quando veio pelo teletipo[1] a informação fatídica. Lembro-me ainda da censura no regime militar e dos quadros de aviso da redação: "Proibido divulgar que... isso e aquilo".

Uma das maiores alegrias que tive foi o recebimento de uma placa de prata com os dizeres: "Parabéns e obrigado por fazer parte da história (...) da Rádio Inconfidência". Como não amar uma emissora como essa, não é verdade?

[1] Aparelho telegráfico usado pela imprensa e centrais de polícia, dotado de teclado semelhante ao de máquina de escrever, que enviava textos a distância. O receptor imprimia diretamente as mensagens escritas, prontas para leitura imediata.



UM GIGANTE EM MINHA VIDA

Falar da Inconfidência é rememorar a minha vida. Desde 1989, convivo com exemplos que me inspiram sob todos os aspectos. Bentinho do Sertão, Caxangá, Maria Suely, Luzia Alves, Delmário, Ricardo Parreiras, Jairo Anatólio Lima e tantos outros grandes nomes da nossa vasta radiofonia, quem diria, meus companheiros de trabalho!

Como repórter, quantas oportunidades interessantes! Recordo-me justamente do ano de 1989: eu, recém-formada em Jornalismo, e o Brasil vivendo mais uma campanha presidencial. O Instituto Vox Populi ficava ao lado da emissora, na Rua Paraíba. O então candidato Fernando Collor, primeiro lugar nas pesquisas, estava em visita ao local. A imprensa toda presente... Lá fui eu... Logo que cheguei, ele disse: "*Vamos começar a entrevista?*". Não hesitei e fui logo fazendo a primeira pergunta. No dia seguinte, a resposta estava estampada nas capas de jornais, de revistas e nos demais noticiários... Gratificante!

Redação, edição e apresentação de programas completam a minha trajetória. Lembro-me também de outros fatos históricos – a queda do Muro de Berlim, as mortes de Ayrton Senna, de Nelson Mandela, do papa João Paulo II, os ataques de 11 de setembro – contados por intermédio dos microfones da Inconfidência.

Alegro-me ainda em poder acompanhar, de perto, as constantes transformações vividas pela emissora. Som cada vez mais apurado, informatização e renovação da estrutura. Parabéns, Inconfidência! Que o "Gigante do Ar" continue abrilhantando o cenário de Minas, do Brasil e do mundo.



FAÇO O QUE GOSTO

Sou Renato Lara Júnior, jornalista, formado pelo UNI -BH no ano 2000. Sou deficiente visual e locutor da Rádio Inconfidência AM. Tenho a alegria e a honra de fazer parte da família Inconfidência desde 2005. Sempre fui um grande amante do rádio e, por isso, ainda na infância, desenvolvi a vontade de trabalhar nesse veículo tão fascinante e que mexe tanto conosco.

Nos meus quase nove anos de Inconfidência, praticamente só tive momentos felizes na emissora. Passei por algumas dificuldades, sobretudo durante a minha adaptação. Mas hoje posso dizer que realmente faço o que gosto. Apresento aos finais de semana, desde agosto de 2010, o programa *Sertanejo Moderno*, cuja programação musical é feita por mim. Nele destaco os grandes sucessos atuais da música sertaneja, não me esquecendo, é claro, dos clássicos.

Além disso, participo, desde 2008, do humorístico *Delírio e Companhia*. Também apresento, há dois anos, o quadro "Esportes Sem Barreiras", dentro do programa *Inconfidência de Todos os Esportes*, no qual entrevisto técnicos e atletas com deficiências diversas, que praticam as mais variadas modalidades paraolímpicas. Esse é um dos momentos mais ricos para mim na emissora, uma vez que aprendo muito com as mais diversas e interessantes histórias de superação.

Em dezembro de 2011, recebi uma comenda na Câmara Municipal de Belo Horizonte, fruto do reconhecimento do meu trabalho junto à Rádio Inconfidência. Foi um momento marcante para mim na emissora.



UNIVERSO FANTÁSTICO

"*Olá Mundo, eu sou Renato Las Casas*".* Professor, físico, astrônomo e, nos últimos cinco anos, com muito prazer e orgulho, também radialista.

Desde março de 2010, tenho produzido e apresentado o *Universo Fantástico*, programa semanal de divulgação científica. O convite veio pelo presidente da emissora, Valério Fabris, com o intuito de levar ciência a milhares de brasileiros, nas cidades e nos campos, sem distinção de idade, raça, situação socioeconômica e cultural. Tratava-se de um grande desafio: seríamos entendidos por ouvintes tão diversificados?

Assumida a tarefa, foram surgindo também os bordões do programa: "*Não importa o tamanho ou o modelo do seu rádio, o Universo inteiro cabe nele*"; "*Inconfidência rima com Ciência*"*, etc.

Não foram necessários muitos programas para me sentir da "família Inconfidência". Desde o mais simples funcionário até a diretoria da rádio abraçaram o *Universo Fantástico*. Estávamos jogando no mesmo time e os gols foram acontecendo... "Pensar Ciência" passou a fazer parte do cotidiano de incontáveis ouvintes. Tornou-se rotina sermos procurados em nossas atividades, na UFMG ou em nossos itinerários Brasil afora, por ouvintes do programa.

Descobri o que para muitos, há muito tempo, é óbvio: não é que o Roquette-Pinto estava certo, quando visualizava no rádio um imenso potencial para a formação de uma nação?!

"*E vamos olhar pro céu, gente!*"*

* Bordões utilizados pelo apresentador na gravação do programa *Universo Fantástico*.



UMA FAMÍLIA CHAMADA INCONFIDÊNCIA

Era julho de 1988. Eu trabalhava em uma emissora local, quando recebi um telefonema do Paulo Santana, da Rádio Inconfidência, informando sobre um concurso na emissora e indagando se eu gostaria de participar. Foi assim que, no dia 18 de agosto do mesmo ano, tive o prazer de integrar a equipe de jornalismo do Gigante do Ar, então situada na Rua Paraíba, como redator, depois locutor noticiarista e chefe do departamento.

Como era gratificante estar ao lado de profissionais sérios, competentes, amigos, fazendo com que a capital, o estado, o país e outras nações pudessem receber as informações atualizadas, tão criteriosamente produzidas.

Um dos pontos altos na emissora – registro aqui com orgulho – foi em outubro de 2000, em Joinville (SC), quando recebemos o prêmio de 1º lugar, concorrendo com dezenas de emissoras do Brasil, pelo trabalho sobre a água, com destaque na preservação de recursos hídricos, iniciativa do Ministério dos Recursos Hídricos.

"A rádio que chega até você, onde quer que esteja" não é um slogan chamativo, porém expressa o profissionalismo em todos os setores, por mais simples que possam parecer. Quando entramos no ar, em contato com os ouvintes, sentimos o quanto esta emissora é realmente "O Gigante do Ar" ou, se quiserem, "O Gigante no Lar". A Inconfidência não é só uma empresa, mas uma família.



POR ONDE DEUS PASSA, NADA EMBARAÇA

Iniciei minha carreira como locutora, na rádio São João del-Rei, junto com meus pais Vieira e Moreninha, no programa *Rancho do Vieira*. A convite da dupla sertaneja Irmãos Andrade, comecei a trabalhar na Inconfidência, aos 21 anos, com o Delmário, no programa *Delmário é o Espetáculo* e na apresentação do programa *A Hora do Fazendeiro*. Vim morar em Belo Horizonte, deixando para trás minha família de artistas, todos oriundos do rádio naquela cidade.

N'*A Hora do Fazendeiro*, tive a honra de trabalhar ao lado de grandes nomes como: Caxangá, Toninho e Tonhão, Sanica e Carijó, Belarmino, Geraldo Eustáquio, José Penido e atualmente o Cristiano Batista.

Apresentei também vários programas que fizeram parte da história da Inconfidência: *Grande Sertão*, *Hora do Cafezinho* e *Aconteceu*, sendo este último uma radionovela, em que as notícias eram narradas e interpretadas pelos apresentadores. Merece destaque o *Mutirão Sertanejo*, que esteve no ar durante 20 anos, descobrindo talentos do interior do estado. Outro programa que apresento e que faz muito sucesso, sendo líder de audiência, é o *Túnel do Tempo*, de sucessos nacionais e internacionais dos anos 60, 70 e 80.

Estou na Inconfidência há muitas décadas, sendo uma das mais antigas comunicadoras do Brasil e a mais antiga locutora da rádio, talvez de Minas Gerais. Já recebi muitas cartas, ganhei muitos presentes – desde vaca, boi, porco, cavalo, até doces, salgados e pedidos de casamento. É como digo sempre: "*por onde Deus passa, nada embaraça*".



MEU CASAMENTO COM A RÁDIO

Eu caí no rádio de paraquedas. Isso no ano da graça de 1979. O grande jogador Reinaldo (José Reinaldo de Lima) foi convidado pela Rádio Capital, que estava nascendo na cidade, para ser comentarista. Ele aceitou o convite, mas pediu, em troca, que contratassem um jornalista amigo dele (no caso, esse que lhes fala).

Achei que dificilmente isso iria acontecer. Naquela época, as vozes dos homens em destaque nas emissoras eram grossas e aveludadas. Mas fui lá e acabei contratado. Logo depois, o radialista Claudinê Albertini convidou-me para fazer parte da equipe da Rádio 107 FM – uma estação dirigida ao público universitário.

Dois anos depois, Claudinê segue para a Rádio Inconfidência e, com uma talentosa equipe, começa a formatar a nossa Brasileiríssima FM 100,9. Em um belo dia de 1983, ele me chama para fazer parte dessa equipe. Foi um recomeço, pois a rádio surgia com o perfil novo e maravilhoso de só tocar a boa música brasileira. Isso já era um pouco a minha praia, pois fui produtor de shows dos grandes da nossa música na década de 70.

Sempre digo que esse meu casamento com a emissora aconteceu na hora em que pisei, pela primeira vez, o estúdio da Rádio Inconfidência, na Rua São Paulo. Foi amor à primeira vista! Um casamento que já dura 27 anos! E garanto: é repleto de muita paixão.

Salve a Rádio Inconfidência! Salve a Brasileiríssima 100,9 FM!

CRONOLOGIA - FATOS ANTIGOS

1897 – Inaugurada, em 12 de dezembro, a cidade de Belo Horizonte, a nova capital de Minas Gerais.

1920 – A primeira rádio no mundo, a KDKA, de Pittsburgh, nos Estados Unidos, entra em operação. Permanece no ar. Pode ser ouvida pela internet: www.kdka.com

1923 – O antropólogo Edgard Roquette-Pinto e o engenheiro Henry Morize fundam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Posteriormente, torna-se a Rádio MEC.

1926 – Em primeiro de janeiro, vai ao ar a emissora pioneira de Minas Gerais: a Rádio Sociedade de Juiz de Fora.

1927 – Em fevereiro, fundada a Rádio Mineira, a primeira emissora de Belo Horizonte, extinta em 1969.

1933 – Benedito Valadares torna-se interventor em Minas Gerais, governando até 1945.

1934 – Fundada a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, outra emissora criada por Roquette-Pinto. É a atual Rádio Roquette-Pinto, estatal fluminense.

1935 – Inaugurada a Rádio Sociedade Triângulo Mineiro, de Uberaba.

1936 – Em 3 de setembro, vai ao ar a Rádio Inconfidência, emissora mais potente do país. No ano seguinte, aprofunda-se a ditadura de Getúlio Vargas, no período por ele denominado como o Estado Novo.

1936 – Nove dias depois da inauguração da Rádio Inconfidência, em 12 de setembro, vai ao ar, no Rio, a Rádio Sociedade Nacional, do grupo editorial A Noite. Depois de comprada pelo empresário americano Percival Farquhar, é estatizada por Getúlio Vargas.

1952 – Em 20 de janeiro, Januário Carneiro funda a Rádio Itatiaia.

1969 – Em 12 de junho, entra no ar a primeira FM mineira, a Rádio Del Rey.

1977 – Em 12 de dezembro, inaugurada a BH FM, hoje integrante do Sistema Globo de Rádio.

1978 – Em julho, inaugurada a Alvorada FM.

1979 – Em 2 de fevereiro, às 11h, é inaugurada a Rádio Inconfidência FM, a Brasileiríssima, com frequência de 93,7 megahertz (MHz); hoje a frequência é de 100,9 MHz. A quarta FM a se instalar na capital.

1980 – Em 12 de julho, os Diários Associados obtêm a concessão para a Guarani FM, em Belo Horizonte. A emissora começa a funcionar no mês seguinte.

CRONOLOGIA - FATOS RECENTES

2009 – Em 8 de outubro, a Inconfidência recebe o prêmio nacional da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), como a melhor mídia do ano em rádio. As demais mídias premiadas foram: jornal – O Estado de S. Paulo; televisão – Jornal Nacional da Rede Globo; mídia especializada – jornal Valor Econômico; revista Época Negócios; categoria digital – UOL, Universo Online.

2010 – Em 12 de março, a Inconfidência recebe placa de prata da Fundação Hemominas, pelo apoio às campanhas de doação de sangue.

2010 – Em 20 de março, a Rádio Inconfidência AM volta a operar no teto de seus 100 quilowatts (kW) de potência na antena, que permite a propagação nacional do som da emissora.

2010 – Das 21h às 22h de sexta-feira, 26 de março, vai ao ar o programa semanal *Universo Fantástico*, conduzido ao vivo pelo físico Renato Las Casas e sua equipe. Iniciam-se, assim, as parcerias entre a Inconfidência e trinta instituições cidadãs.

2011 – Em 30 de junho, a Inconfidência recebe o Prêmio Top Socioambiental da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (AVB/MG).

2012 – Em 19 de janeiro, a Inconfidência é homenageada pelo apoio que oferece ao programa Vozes do Morro, que projeta artistas de vilas, favelas e aglomerados da região metropolitana de Belo Horizonte e cidades do interior mineiro.

2012 – Em 29 de agosto, a Inconfidência recebe a medalha Ordem do Mérito Imperador D. Pedro II, em reconhecimento ao apoio da rádio para o Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, conferida pelo comando geral da instituição.

2012 – Em 5 de dezembro, a Inconfidência recebe a Medalha do Mérito Policial Civil Luiz Soares de Souza Rocha, concedida pelo apoio da rádio ao sistema de segurança pública.

2012 – Em 29 de dezembro, o Diário Oficial de Minas Gerais publica resolução da diretoria da Rádio Inconfidência vedando a veiculação das músicas cantadas por artistas brasileiros em línguas estrangeiras. Regulamentou-se que as interpretações de artistas estrangeiros, para as músicas brasileiras amplamente já conhecidas dos ouvintes, poderão ser veiculadas na Rádio Inconfidência FM 100,9. (*Ver, ao final desta cronologia, texto sobre a resolução*).

2013 – Em 6 de junho, a Inconfidência recebe a medalha Alferes Tiradentes, concedida pelo comando da Polícia Militar de Minas Gerais, pela contribuição da emissora aos programas de prevenção à violência e à criminalidade.

2014 – Em 2 de fevereiro, quando se comemorou seu 35º aniversário, a Rádio Inconfidência FM, a Brasileiríssima, conclui as obras do aumento de potência da emissora, de 10 quilowatts (kW) para 25 kW.

2014 – Em 22 de agosto, a Inconfidência entrega, por intermédio de seu presidente, o Prêmio Jazz de Minas, do Savassi Festival, ao saxofonista Nivaldo Ornelas, em cerimônia precedendo o concerto do músico, no Palácio das Artes.

NA BRASILEIRÍSSIMA, A MÚSICA BRASILEIRA INTERPRETADA POR CANTORES ESTRANGEIROS

Na resolução da diretoria, publicada no Diário Oficial de Minas Gerais, em 29 de dezembro de 2012, ficou regulamentado que as interpretações de artistas estrangeiros, para as músicas brasileiras conhecidas dos ouvintes, poderão ser veiculadas na Rádio Inconfidência FM 100,9.

Assim, por exemplo, podem constar da programação da FM da Rádio Inconfidência interpretações como estas: da dinamarquesa Björk, para *Travessia* (de Milton Nascimento/Fernando Brant), que ela canta em português; da italiana Ornella Vanoni, para *Sentado à Beira do Caminho* (Roberto Carlos/Erasmo Carlos), que na versão de Bruno Lauzi recebeu o título de *L'Appuntamento*; da americana Sarah Vaughan, para *Corcovado* (Antônio Carlos Jobim), que, em inglês, ficou com o título de *Quiet Nights of Quiet Stars*, com versão de Gene Lees.

O mesmo vale para a música instrumental. Por exemplo, podem constar da programação da FM da Rádio Inconfidência interpretações como a das *Bachianas Brasileiras*, pela Filarmônica de Berlim (Berliner Philharmoniker), ou a de *Aos Pés da Cruz* (Marino Pinto/José Gonçalves), com Miles Davis, ou do saxofonista americano Paul Desmond, para *Manhã de Carnaval* (Luiz Bonfá/Antônio Maria).

É vedada na FM da Rádio Inconfidência a veiculação de músicas estrangeiras, quando interpretadas por artistas brasileiros. Exemplo: UAKTI interpretando os Beatles.

É vedada na FM da Rádio Inconfidência a veiculação das músicas cantadas por artistas brasileiros em línguas estrangeiras, mesmo que sejam de suas respectivas autorias. Assim, não podem ser tocadas, por exemplo, *London, London*, de Caetano Veloso, na interpretação de Caetano Veloso. Do mesmo modo, não pode ser tocada, por exemplo, a música *Chuva* (Durval Ferreira/Pedro Camargo), em sua versão em inglês, intitulada *Rain* (autoria de Ray Gilbert), quando cantada por um artista brasileiro, como Sylvia Telles.

Em resumo, é o que se segue:

Veiculam-se apenas as músicas brasileiras, assim consideradas, inclusive, as que foram vertidas para o português, como *Fascinação* ou *Quando te vi*.

Pode-se veicular a interpretação, por estrangeiros, das músicas brasileiras consagradas.

É vedada a interpretação de qualquer música, em línguas estrangeiras, por parte de artistas brasileiros, mesmo que sejam de suas respectivas autorias. Exemplo: *London, London*, por Caetano Veloso.

É vedada a veiculação de músicas estrangeiras, mesmo quando interpretadas por instrumentistas nacionais. Exemplo: o Uakti interpretando os Beatles.

Dessa maneira, fica preservado o conceito de Brasileiríssima, na Inconfidência FM, que se tem mantido desde a fundação da emissora, em 2 de fevereiro de 1979.

A Rádio Inconfidência AM, no entanto, está aberta à veiculação de músicas em todas as línguas, sem restrições, mantendo-se assim desde que foi fundada, em 3 de setembro de 1936.

A interpretação estrangeira de melodias brasileiras – por parte de célebres vozes e instrumentistas internacionais – passou a ser veiculada na Rádio Inconfidência FM para evidenciar o prestígio global de que desfruta o principal e mais elaborado produto de exportação de nosso país, que é a música.

Projeto "O Gigante do Ar – A história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados"
Lei de Incentivo à Cultura do Governo de MG – Projeto Nº 0394/001/2012

EXPEDIENTE
Governo do Estado de Minas Gerais
Alberto Pinto Coelho – Governador
Eliane Parreiras – Secretária de Estado de Cultura

RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Diretoria: Presidente Valério Fabris. **Diretor Administrativo e Financeiro** Nelson Hudson Cardoso. **Diretor Técnico** Gleison Emílio Ferreira. **Diretor Artístico** Luís Marcelo de Souza. **Superintendente Jurídico** Luciana Trindade dos Reis Bottrel Mansur. **Superintendente de Jornalismo** Samuelito Capuchinho Mares.

Assessores: Amir Francisco da Rocha Nogueira, Ana Maria Pena Dolabela Correa, Dalci dos Santos, Elizabeth Fátima Seixas, Etelvino Oswaldo Costa, Lina Patrícia Rocha Laredo, Múcio Bolivar Pataro Fonseca, Paulo Francisco Proença e Wagner de Almeida Machado.

Funcionários: Alexander Aguiar Fernandes, Aline Costa, Aline Louise Moreira, Álvaro César dos Anjos Vilaça, Antônio Carlos Carvalho Possiol, Antônio Eustáquio da Cruz, Antônio Pedro Fernandes, Armando Coelho Portela, Carlos Ferreira da Silva, Celso Guimarães Ferreira Júnior, Cláudio Afonso, Clézio Paulo Fernandes, Cristiano Nonato Batista, Daniel Sabóia Barbosa, Déborah de Oliveira Rajão, Desirée Miranda Correa de Araújo dos Santos, Edson Luiz Carneiro, Eliezer Ferreira, Emerson Antônio Rodrigues, Ernani José de Andrade, Everton Gontijo, Fábio Henrique Vital, Fernando Guimarães Torres, Flávia Cristina Assis Moreira, Flávio Henrique da Silva Silveira, Flórence Couto dos Santos, Gustavo Abreu Dutra, Herbert Fontoura de Castro, Homero Ribeiro de Freitas, João Alfredo de Oliveira, Joara Maria de Campos Menezes, José Agnaldo da Silva, José Augusto Toscano Boaventura, José Carlos de Figueiredo, José de Ramos Pereira, José Guilherme Rodrigues da Silva, José Luiz da Silva, José Miguel Resende Aquino, José Parreiras de Oliveira, José Raimundo Silva Faleiro, Josemília Maria Gonzaga Nogueira, Juçara Aparecida de Brito, Juliana Eneas de Moura, Kelson Silva de Freitas, Leandro Junio Siqueira, Leonardo Albertini, Luciano de Paula Cota, Luiz Gomes, Marc André Zeller, Márcia Helena Soares Bueno, Márcio Ronei Cravo Soares, Marco Antônio Pinto Coelho Rodrigues Alves, Marcos Tadeu Correa de Araújo dos Santos, Marcus Rogério Santos da Silva, Margarida Antera Pinto, Maria Lúcia Alves Carneiro, Mariane Santana Orfanó, Otávio José Fraga Cardoso, Paola Simões Grijó, Patrícia Alonso Calu Muniz, Paulestevão Almeida Bastos, Paulo Cezar Furtado, Paulo Henrique Costa Azeredo Filho, Paulo Roberto Santana de Souza, Pedro Henrique Vieira, Regina Coeli Braga Palla Fonseca, Reginaldo Nonato Pinto da Silva, Reinaldo de Andrade Costa, Renata Toledo da Silva Ferreira, Renato Henrique Dias Silveira, Renato Lara Júnior, Reny Parzeweski, Rodrigo Carlos Gonçalves Ferreira, Ronaldo Teixeira de Carvalho, Ronilda de Jesus Mendes, Rui Barbosa de Avelar, Sebastião Rodrigues de Lima, Sérgio José dos Santos Monsores, Sulimar Silva Rodrigues, Tânia Maria Alves, Tarcísio Carneiro Lopes, Tatiana Silva Massote, Valéria Soares Rocha, Vaneli Waleska Falci de Carvalho, Velise de Oliveira Maciel, Verônica Teodora Pimenta, Vicentina Maria Gonçalves, Vinícius Campos Maia Rodrigues, Wagner de Castro Oliveira, Walter Rodrigues Alves Filho, Warley Soares Campos, Washington Bitencourt dos Santos, Wellington Augusto de Castro, Wellington da Silva Martins, Wladimir de Oliveira Penido e Wulcino Teixeira de Carvalho. **Funcionários cedidos:** Matilde Luigia Biadi Bicalho e Júlio César Eterovik Baranda. **In Memoriam:** Jairo Anatólio Lima, Ary Fernandes de Ramos, Dirso César da Silva, Francisco de Assis Souza, Marcelo de Araújo Castro, Antônio Caetano dos Santos.

Coordenação Geral de Execução do Projeto Matilde Luigia Biadi Bicalho.

PATROCÍNIO Fiat

PRODUÇÃO DO LIVRO - Coordenação e Edição Valério Fabris. **Produção de Textos** Aline Louise, Beth Seixas, Cristiano Batista, Déborah Rajão, Eliane Parreiras, Emerson Rodrigues, Fábio Vital, Flávia Moreira, Flávio Henrique Silveira, Gustavo Abreu, Hérzio Mansur, Jorge Fernando dos Santos, José Augusto Toscano, Márcio Ronei, Múcio Bolivar, Paulo Sérgio Malheiros, Pedro Henrique Vieira, Pedro Lobato, Ramos Pereira, Regina Palla, Renato Jr., Renato Las Casas, Reny Parzeweski, Ricardo Parreiras, Rosângela de Mendonça Guimarães, Tina Gonçalves, Tutti Maravilha e Valério Fabris. **Revisão de Textos** Juliana Araújo. **Projeto Gráfico e Diagramação** Sandra Fujii. **Fotografia** Ignácio Costa. **Foto de capa** Getty Images/Valerie Loiseleux. **Tratamento de Fotos** Tiago Lopo. **Coordenação de Produção Executiva** Guilherme Mauro. **Impressão e Acabamento** EGL - Editores Gráficos Ltda.

PRODUÇÃO DO CD - Coordenação Miguel Resende. **Pesquisa e Seleção de Áudio** Miguel Resende e Guilherme Mauro. **Mixagem e Masterização** Studio HP. **Prensagem e Impressão** Discmidia.

É expressamente proibida a comercialização desta publicação

Este livro foi composto
com tipografia Minion Pro
e impresso em papel Pólen 90g
na EGL Editores Gráficos Ltda.,
em dezembro de 2014



APCBH/COLEÇÃO JOSÉ GÓES



APCBH/ASCOM

A Rádio Inconfidência foi instalada, em 1936, no prédio da Feira Permanente de Amostras, projeto do arquiteto Raffaelo Berti. O edifício foi destruído em 1965, para a construção do Terminal Rodoviário, inaugurado em 1971. O prédio também abrigou a sede da Federação das Indústrias de Minas Gerais. E, na foto abaixo, o bonde Santo Antônio, na Rua da Bahia, tendo ao fundo a Basílica Nossa Senhora de Lourdes.



APCBH/ASCOM

A Prefeitura Municipal, na avenida Afonso Pena, no final dos anos 1950, antes do corte dos fícus, para alargamento das pistas, ocorrido em 19 de novembro de 1963. Em estilo *art decó*, o prédio da prefeitura foi projetado pelo arquiteto Raffaelo Berti, com o apoio do também arquiteto Luiz Signorelli. Sua construção iniciou-se em 1936. Inaugurado pelo prefeito Octacílio Negrão de Lima, em 21 de outubro de 1937, sem estar concluído.



Foto do final dos anos 1940. As linhas de bondes em meio aos fícus da avenida. A era dos bondes durou de 1902 a 1963. No primeiro plano da foto, à direita, sobrado de dois andares, hoje Othon Palace Hotel. Havia, na parte superior, o Hotel Globo, e, embaixo, o Bar do Ponto. O abrigo de bonde ficava em frente ao Bar do Ponto. Foi transferido, em 1937, para a Praça Sete. As obras do grande edifício ao fundo, próximo à avenida, estenderam-se de 1947 a 1950.



APCBH/ASCOM



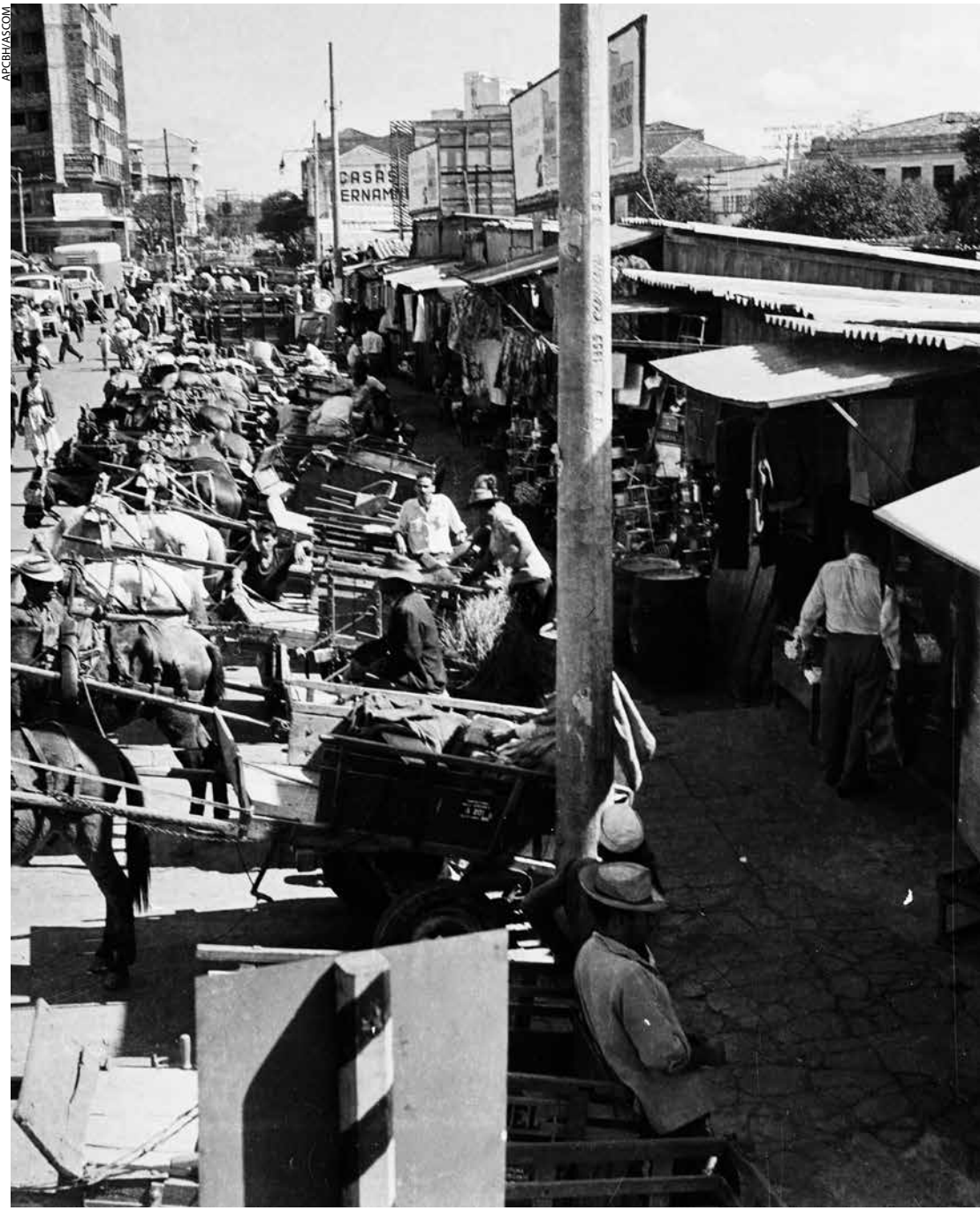
ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

O edifício Lutetia, de 1939, no centro da cidade, em cujo térreo funcionava a Perfumaria Lourdes, que era a principal referência do prédio. Nas fotos abaixo: a cantora Elisete Cardoso, na rádio, tendo, à direita, Jáder de Oliveira e Celso Garcia, e, à esquerda, Ricardo Parreiras; a cantora argentina La Mejicanita (pseudônimo de Maruja Rapisarda). Como atriz de cinema, assinava Maruja Soler. Estrela do "La Mejicanita y sus chinacos", que se apresentou na Inconfidência, em 1949.

APCBH/ASCOM



Em 1964, o prefeito Jorge Carone decidiu vender o terreno do antigo Mercado Municipal, criado em 7 de setembro de 1929, com a fusão de duas feiras livres. Os comerciantes cotizaram-se e compraram a área, erguendo o Mercado Central. O movimento foi liderado pelos comerciantes Dico (Raimundo Pereira Lima) e Olímpio Marteleto, com apoio financeiro dos sócios do Banco Mercantil do Brasil: Osvaldo, Vicente e Milton de Araújo.



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Em 1952, o governador Juscelino Kubitschek, no edifício Feira de Amostras, com Vicente Prates, que comandava o radioteatro da Inconfidência, e Ramos de Carvalho, diretor geral da emissora. Em maio daquele ano, Ramos de Carvalho promoveu, no auditório da Inconfidência, a apresentação da Tommy Dorsey Orchestra. No Rio, o trombonista e líder da orquestra, Tommy Dorsey, foi ciceroneado pelo cantor Dick Farney, cantor carioca.



APCBH/ASCOM



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Ônibus elétrico (trólebus) no Viaduto Santa Tereza. O sistema funcionou, em Belo Horizonte, entre 1953/69. Desativado, 55 veículos foram comprados pela prefeitura de Recife. Nas fotos abaixo, da esquerda para a direita: Rômulo Paes, Ary Barroso, Afonso de Souza e Wilson Ângelo; o governador Juscelino Kubitschek e, ao seu lado, Paulo Nunes Vieira. Ary Barroso foi o primeiro compositor popular brasileiro a fazer sucesso no exterior, com Aquarela do Brasil.



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Em 1983, o diretor da Inconfidência FM (a Brasileiríssima), Fernando Brant, o governador Tancredo Neves e o vice Hélio Garcia. Ao fundo (esquerda) o advogado Pedrylvio Guimarães e (direita) o compositor Hermínio Bello de Carvalho. Na foto abaixo, o arquiteto Rodrigo Andrade, o advogado e economista Roberto Brant, o compositor Fernando Brant e o superintendente da Inconfidência, Marco Aurélio Felicíssimo de Paula Xavier.



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Em 1983, o advogado Hildebrando Pontes, o cantor e compositor Gonzaguinha (que fazia parte da equipe da Inconfidência, como colaborador), Claudinê Albertini (criador da FM, a Brasileiríssima), Vicente Ferrer Júnior, a locutora Vilma Bianchi e a pianista Mara Nascimento. Na foto abaixo, Ricardo Parreiras e Tutti Maravilha entrevistando a cantora Ângela Maria, durante o programa Bazar Maravilha, em 26 de outubro de 1995.



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Aos 21 anos de idade, Elis Regina no show do 30º aniversário da Rádio Inconfidência AM, em 1966, quando a emissora havia deixado o Edifício Feira de Amostras, que foi derrubado para dar lugar ao Terminal Rodoviário de Belo Horizonte. Depois, a rádio instalou-se no Edifício Dantés, onde havia um pequeno auditório. Posteriormente, a Inconfidência passou por mais três endereços. A emissora FM entrou no ar 13 anos depois, em 2 de fevereiro de 1979.



ACERVO RÁDIO INCONFIDÊNCIA

Em 1965, Roberto Carlos visita a Rádio Inconfidência, a convite do empresário artístico Levi Freire. Na foto, está ao lado do diretor artístico da Inconfidência, Roberto Duarte, que antes havia sido produtor de programas da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. Em sua passagem por Belo Horizonte, Roberto Carlos já era aclamado pelo sucesso do disco lançado no ano anterior, sobretudo com as músicas *Calhambeque* e *É proibido fumar*.

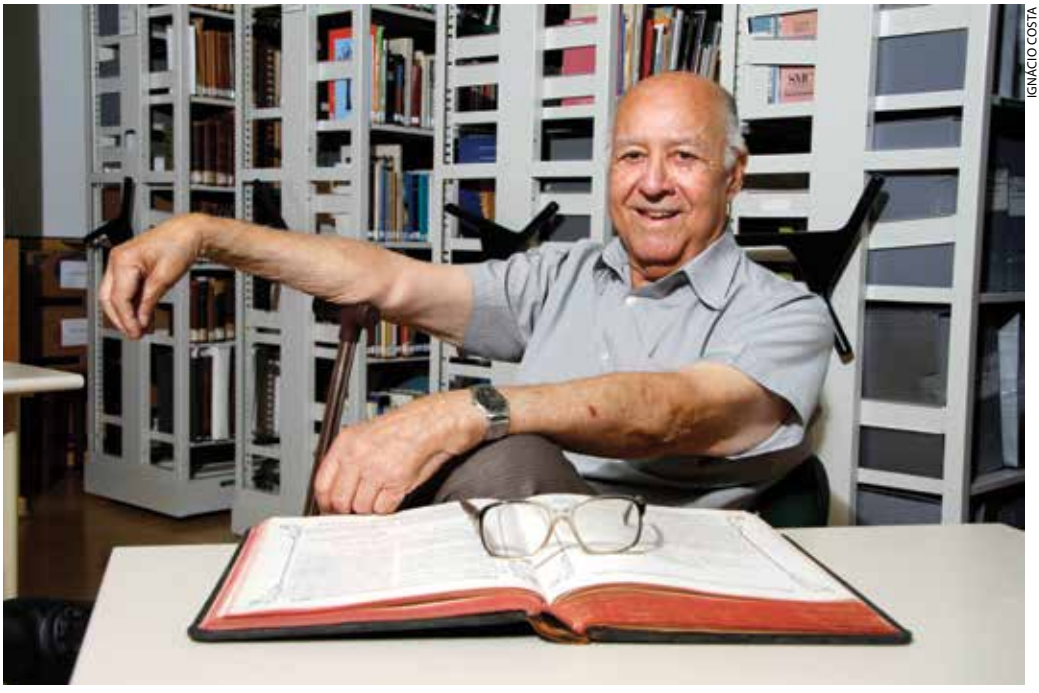


IGNÁCIO COSTA



IGNÁCIO COSTA

Reunião do projeto "BH capital da música instrumental", na rádio, em 15 de junho de 2012. Da esquerda para a direita. Sentadas: Luiza Serrano e Beth Santos. Em pé: Juarez Maciel, Geraldo Vianna, Juarez Moreira, Magno Alexandre, Tabajara Belo, Túlio Mourão, Thiago Hinkelmann, Gustavo Henrique, Jairo de Lara, Celso Moreira, Valério Fabris, Daniella Zupo, Frederico Heliodoro, Túlio Araújo, Paulo Bastos, Warley Henrique, Luís Marcelo, Miguel Resende. À mesa: Cleber Alves, Mauro Rodrigues, Gilvan de Oliveira, Célio Balona, Toninho Horta, Washington Mello. Na foto abaixo, reunião de violeiros. Da esquerda para a direita: Miguel Resende, Rodrigo Delage, Chico Lobo, Bilora, Léo Albertini, Luís Marcelo, Paulo Bastos, Ângela Lopes (produtora de Chico Lobo), Tau Brasil, Guilherme Faria e Carlos Farias.



IGNACIO COSTA



Rádio Inconfidência

A voz de Minas para toda a América

Suas realizações — Mais de 11 anos de funcionamento — A nova emissora de 50.000 watts — Audições culturais e recreativas.

(REPORTAGEM DE RUBEM TOMICH)

REVISTA SOCIAL TRABALHISTA não podia deixar de dedicar nesta sua edição comemorativa do cinquentenário de Belo Horizonte, um espaço para focalizar um dos mais legítimos veículos da cultura e do desenvolvimento de Minas: — a Rádio Inconfidência. Pela sua potência, pelas suas finalidades comprovadas em programas cujo número de ouvintes aumenta de dia para dia, pela sua larga função cultural e educativa, que abrange tantos e tão variados setores, a Rádio Inconfidência já se impôs como uma das emissoras de real e positiva projeção em todo o país. Pela volumosa correspondência existente nos arquivos da P. R.I.-3, pode-se atestar o alcance dos seus programas, feitos para todas as camadas sociais.

— 319 —

IGNACIO COSTA

Na biblioteca do Museu Histórico Abílio Barreto, o ex-diretor da Rádio Inconfidência, Luiz Pedro Rodrigues, manuseia a "*Revista Social Trabalhista*", uma seleção de textos de vários autores, com capa de couro, distribuída em 12 de dezembro de 1947, data do cinquentenário de Belo Horizonte. Há, na obra, alentado artigo do radialista e advogado, Rubem Tomich, descrevendo a programação da sua Inconfidência, na qual foi destacado redator e locutor.



Ricardo Parreiras olha a maquete da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco, no bairro Barro Preto, que sediará a Rádio Inconfidência, a Rede Minas e a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. À esquerda de quem vê a foto, no primeiro plano, na face virada para a Rua Uberaba, um antigo casarão, tombado pelo Patrimônio Histórico de Belo Horizonte, convertido em restaurante, bistrô e café. Atrás do casarão, o prédio da Rádio Inconfidência e da Rede Minas.



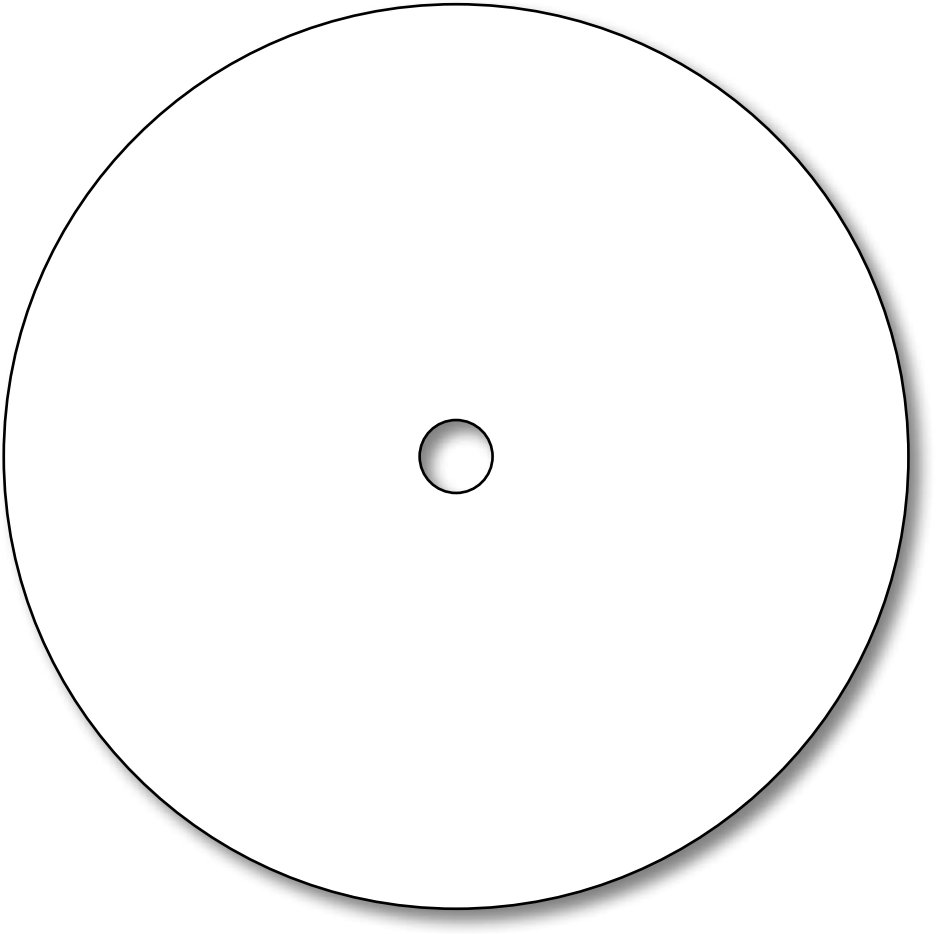
IGNACIO COSTA

À direita, a garagem da Estação da Cultura e, sob a cúpula vermelha, a sala de concertos, com 1,4 mil assentos. Do outro lado, um espaço de convivência, com jardins, pérgula de estrutura metálica, bancos, espelho d'água e café gazebo (quiosque integrado à praça). Estacionamento para 500 vagas. A Estação da Cultura está localizada entre as ruas Gonçalves Dias, Tenente Brito Melo, Uberaba e Alvarenga Peixoto, próxima às avenidas do Contorno e Amazonas.



O projeto da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco é um complexo composto de dois edifícios em um terreno de 14 mil m² – o da Rádio Inconfidência/Rede Minas e o da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Conta, ainda, com um casarão da década de 1930, transformado em bistrô e café. E, em mais 8 mil m², um pré-saguão dos edifícios (pré-foyer), uma praça com espelho d'água, jardins, grande pérgula para sombreamento, bancos e café.

As fotos históricas da capital mineira foram gentilmente cedidas pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), integrante da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte (FMC). Agradecimentos ao diretor do APCBH, Yuri Mesquita, e ao presidente da FMC, Leônidas de Oliveira.



"Ricardo Parreiras torna-se, aqui, o mestre de cerimônia, convidando ao palco diversos personagens. É o jeito que este livro flui. Seu título, 'O Gigante do Ar', vem do slogan por mim criado, quando tive a honra de comandar a área artística da Inconfidência.

Além de Parreiras, aponto outra figura emblemática dos anos dourados da Inconfidência: o radialista Rubem Tomich (1921/2002), um dos responsáveis pelo perfil da programação daqueles tempos. Metade da programação era dedicada à música, em discos. Na outra metade, apresentações ao vivo, com quatro orquestras e dois conjuntos regionais da própria Inconfidência. No mais, a emissora assemelhava-se a uma revista, com esportes, humor, radioteatro, programa infantil, etc.

A Inconfidência sempre foi adequada às famílias em volta do rádio. Internamente, até hoje a rádio assemelha-se a um lar. É comum que casais trabalhem juntos, como o locutor Jairo Anatólio Lima e sua esposa, Dina Fernanda, ela que, no Gigante do Ar, atuou como produtora, cronista e ótima cantora. Ano após ano, a Inconfidência segue, assim, no padrão Rubem Tomich, um intelectual. E, por falar nisso, a emissora foi presidida por diversos intelectuais, como Luiz de Bessa, Murilo Rubião e Ney Octavianni Bernis."

LUIZ PEDRO RODRIGUES
Profissional de rádio e televisão, desde os anos 1950, adotou o nome, como identidade artística, de Pedro Luiz Rodrigues. Trabalhou em emissoras do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, tendo sido diretor da Rádio Inconfidência.

Patrocínio FIAT

Incentivo ICMS • MG Lei Estadual de Incentivo à Cultura CULTURA FAZENDA

Realização INCONFIDÊNCIA AM 880 FM 100,9 OC 6010 www.inconfidencia.com.br

GOVERNO DE MINAS CULTURA

ISBN: 978-85-68810-00-2